João Barboza Rodrigues

# ANTIGUIDADE DO AMAZONAS

Manaus - AM
{1919}

Aquello Bittencourt
Rio, 1º-12-1919
Barbosa Rodrigues B. 13

# ANTIGUIDADES DO AMAZONAS

(Armas e instrumentos de pedra)

L'archéologie, est une science qui commence. Ce n'est qu'en pénétrant dans les profondeurs de la terre que vous arriverez à des découvertes vraiment grandes. Nous n'en sommes qu'à l'épiderme, nous n'avons fait que gratter la superficie et soulever un peu de poussière.

B. DE PERTHES.— Ant. celt. et antid. t. I, pag. 538.

Amm
913.013
B629a

# I

## Armas e instrumentos de pedra

J. Barbosa Rodrigues

Se ha ramo da historia que tenha sido descurado entre nós e que mais precise de um estudo critico, severo e consciencioso, é o da archeologia.

A questão da apparição do homem americano, tem ultimamente despertado a attenção de alguns amadores, que têm aventurado algumas theorias, todas baseadas mais em raciocinios do que em provas que documentem as opiniões. Estudos de gabinete, fundados n'uma ou n'outra informação, sem o exame, sem a comparação, tem feito com que divirjam as opiniões á esse respeito.

A falta de explorações especiaes, faz com que não conheçamos nossas antiguidades, que vão desapparecendo; umas levadas para Europa, por amadores e naturalistas, outras destruidas pelos indifferentes e ignorantes, e a maior parte despresadas pelos sertanejos que as encontram. D'ahi vem o atrazo em que estamos, a ignorancia em que vivemos dos usos e costumes dos nossos autochtones. Se alguma cousa apparece, é sempre colhida no que nos deixaram escripto alguns autores antigos.

Quando com o lapis na mão, no exercicio da commissão com que me honra o Governo Imperial, percorria o Valle do Amazonas, não retratava só as flôres; no meu caderno de campo, á par de uma discripção botanica, muitas vezes deixava tambem estampado um objecto que do seio da terra extrahia. Sempre o que dizia respeito aos habitantes das florestas, quer os d'outr'ora, quer os de hoje, me chamava a attenção e uma nota especial merecia. Por insignificante que fosse o achado, sempre dava lugar á um estudo, á uma comparação e uma analyse. As provas com que deparava de um estado de civilisação mais adiantada, do que aquella que existe nos nossos dias entre os habitantes das selvas, descendentes dos que legaram tantos monumentos d'arte, na infancia, é verdade, mas não degenerada como hoje, me mereceram particular attenção.

A decadencia dos povos do sertão se conhece pela comparação do que fazem hoje, com o que fizeram á quatro ou cinco seculos atraz. A decadencia foi grande, e começou com o descobrimento das nossas plagas. Parece um absurdo e grande, quando então compararmos as suas reliquias de outras éras, com as dos povos mais cultos d'essa época, como os do Norte da Europa, Oriente da Asia, etc.; mas, o resultado do estudo que fiz nas horas de lazer, me leva á avançar esta opinião. É fóra de duvida, para aquelles que têm tido em suas mãos as amostras dos productos da arte d'esses tempos, que o contacto de um povo mais artista e industrioso levou os primitivos habitantes de nossas mattas á um gráo de adiantamento superior ao que tem hoje; mas, se então a influencia foi grande, como não influir hoje que o estado de progresso do homem tem attingido quasi á um gráo de perfeição ?

O Evangelho derramando a luz pelas selvas, as aguas do baptismo remindo os peccados, faziam christãos, mas em vez do progresso, traziam para elles a oppressão, o captiveiro, a tyrania e a desmoralisação. O contacto primitivo foi com um povo industrioso, que emigrado, fugitivo, ou aqui chegado, por um acaso, como chegaram os descobridores deste sólo, tratou como amigo o povo encontrado, porque assim era mister e não como senhores e conquistadores.

Aquelle trouxe a arte e a industria, e estes atraz do labaro da religião, empunhavam a bandeira branca, em cujo campo uma cruz trazia a côr do sangue que derramavam na passagem da cobiça disfarçada em civilisação.

A perseguição e escravidão trouxeram o avilta-mento, este o desanimo, por conseguinte a decadencia. Se compararmos os productos da arte indigena de então com os da de hoje, ver-se-ha quanta differença existe e quanto decahimento! Citarei um só exemplo.

Habitavam na fóz do Rio Negro os Tarumás e os Manáos, quando pela primeira vez em 1669 penetraram n'elle os missionarios Carmelitas, (*) introduzindo a fé. Enterravam então seus mortos em urnas mortuarias ou *ygasáuas*, uso que logo deixaram pela sepultura christã. Pois bem, comparada uma dessas *ygasáuas* que desenterrei em Manáos, com a louça de barro que fabricam os tapuyos descendentes dos primeiros catechisados, encontra-se inferioridade não só na elegancia das fórmas, como nos ornatos e muito principalmente no preparo da argilla.

---

(*) *Ensaio corographico da provincia do Pará* por A. L. Monteiro Baena. Pará 1839. Pag. 384.

O sabio Guilherme de Humboldt, disse :

« C'est, en effet, une question importante, de savoir si l'état sauvage qui, même en Amerique, se retrouve à différents degrés, doit être ragardé comme l'aurore d'une société à naître, ou si ce ne sont pas plutôt les derniers débris d'une civilisation perdue, disparaissant au millieu des tempêtes, bouleversée par d'effroyables catastrophes.

« Pour moi, cette dernière hypothèse me parait la plus raprochée de la vérité. »

E' sabido, que, si a tyrania desmoralisa um povo, muito mais a escravidão e a morte. As *cãisaras* afugentáram o povo, que subdividiu-se, tornando-se errante, abandonando os seus costumes e usos, para só se occuparem no fabrico de armas de defesa, com que podessem vingar a oppressão dos *carãuas;* isto desenvolveu um odio, que transmittindo-se pela raça, ainda hoje é uma das causas do pouco resultado que se tira da catechese. O indio abomina o portuguez. A sua degradação, o atraso em que cahio é devido á conquista; foi sempre o resultado que encontrei nos estudos que entre os indios fiz. A educação que ainda hoje recebem no Valle do Amazonas, se fôr comparada com a que recebem os indios de outras provincias, apresentará em resultado a prova do que affirmo.

Um profundo observador, um missionario que consciosamente estudou esta questão, veio confirmar a nossa opinião. O padre Brasseur de Bourbourg, nos commentarios do seu *Popol Vuh*, (*) tratando da decadencia dos selvagens do Mexico, diz :

« Pour n'avoir connu que des peuplades retombées à l'état sauvage, abruties par le contact des Européens ou dégradées par

(*) Popol Vuh *Le Livre sacré et les mythes de l'antiquité americaine.* Paris. 1861. Pag. XX

les consequences de la conquête, la plupart des voyageurs ne leur ont trouvé qu'un développement mediocre des facultées intellectuelles: mais cette inactivité habituelle de l'esprit qu'on reproche au plus grand nombre des nations américaines, et qui donne quelque chose de si froid, de si morne à leur physionomie, à leur caractère, à toute leur existence, n'est qu'apparente chez celles qui ont conservée quelque reste de la civilisation antique; elle est produite uniquement par la défiance que nous leur inspirons et la haine sourde que les enfants sucent avec le lait de leurs mères, contre les descendants de ceux qui les asservirent ou les étrangers qu'ils confondent avec eux. (*)

« Cette sorte d'apathie morale que les colons espagnols leur reprochaient, en disant qu'ils ne savaient rougir, n'existe point: l'indien ne rougissait point sous les coups de sangle ou les mépris d'un maître cruel; il renfermait tout dans son cœur, en attendant qu'il pût se venger. Les insurrections dont on ne parle point et qu'on ne connait pas en Europe en sont la preuve. »

Houve no Amazonas, um periodo de civilisação, ainda encontrada pela expedição do capitão Pedro Teixeira, representada pela numerosa tribu dos Omáuas ou Cambebas, (**) que depois desappareceu, os quaes cultivavam e teciam o algodão, de que fabricavam seus vestidos e descobriram e preparavam a *seringa* ou gomma elastica, de quem os portuguezes tomaram a industria que os enriquece, arruinando o valle do Amazonas.

Interrogando estas reliquias, sobre as quaes os seculos têm passado, vê-se que se não póde negar a

---

(*) No valle do Amazonas todo o brasileiro não nascido em terras amazonicas, é *estrangeiro* e como tal tratado com reserva pelos indios e tapuyos.

(**) Corruptella de *akanga*, cabeça e *péua* chata. (Adoptamos a orthographia proposta pelo Sr. Dr. B. C. d'A. Nogueira).

physionomia do povo de então sem deixar de faltar o respeito á verdade.

O povo que já teve patria, diz Boucher de Perthes e que a escravidão ou o vicio não embruteceu, deixa sempre uma lembrança da arte que lhe foi peculiar. (*)

A civilisação existiu.

Se veio ella pelas nascentes do Amazonas, descida do Perú, sem ahi ter-se demorado, não sei, o que posso affirmar é que os pontos de contacto são grandes entre os usos e costumes dos povos primitivos do Amazonas, com os do Norte da Europa.

A patria dos Cimbros, dos Anglos e dos Saxões, d'onde na idade média partiram audaciosos e aventureiros navegantes, que dominaram os mares do Norte, como seus descobridores, parece que foi a dos que legaram aos nossos selvagens a civilisação extincta, que suas antiguidades ainda perpetuam e que nossos descobridores aniquilaram, fazendo com que, tribus pacificas e laboriosas tornassem-se nomades, inuteis e ferozes. As *caîsaras* (**) e a escravidão, o ferro e o fogo destruiram o trabalho e isto só trouxe a desmoralisação e a ociosidade. A Dinamarca, pois, parece que muito influio na vida do povo de então.

Os depositos de conchas, chamados *sernambis* ou *sambaquis*, de que n'outro capitulo tratarei, não são mais do que os *kjokkenmöddinges*, ou restos de cosinha,

---

(*) *Antiquités celtiques et anti-diluviennes*, par Boucher de Perthes. Tom. I. Pag. 41.

(**) Curraes.

dos dinamarquezes. Estes depositos que não se encontram no Perú, são mais uma prova de que os invasores do Amazonas não passaram pela terra dos Aymaras ou pouco n'ella se demoraram; tanto, que não poderam estabelecer este uso, como fizeram em Halifax e na bahia de Santa Margarida.

Essa semelhança entre os achados, serve para provar que a fidelidade com que o gentio se liga aos costumes de seus antepassados, a veneração que por elles tem, leva-o á perpetuar mesmo com orgulho a industria por elles legada.

Quando se cava a terra, quando se revolvem as cinzas de suas *ygasáuas*, ao lado dos esqueletos que ellas ás vezes ainda contêm, descobrem-se armas, utensilios artisticamente trabalhados, tão iguaes, ou apenas com pequenas modificações, aos dos companheiros de Odin, que parecem querer documentar a existencia d'esses intrepidos navegantes, no nosso sólo, anteriormente ao descobrimento de Colombo.

Na America do Norte não foram já encontrados vestigios de fortificações e de monticulos supulchraes, dos tempos runicos? As pesquizas de MM. Squier e Davis, nos *Monumentos antigos do valle do Mississipi*, já não nos provaram ser elle habitado antes de o ser pelos *pelles vermelhas?*

M. Graah, encarregado de estudar as antigas ruinas scandinavicas, não encontrou numerosos vestigios no estreito de Davis e em outros lugares? não foram tambem encontrados em Rhode-Island, e no Massachusetts, na America do Norte?

O Sr. Rafn, secretario da Sociedade Real dos Antiquarios do Norte, publicou com o titulo *Antiquitates Americanæ sive Scriptores septentrionales rerum anti-co-*

*lumbianarum in America* (*) uma collecção de noticias tiradas dos sagas antigos, que provou a existencia dos dinamarquezes no novo mundo, seculos antes d'aqui ter aportado o immortal Colombo. N'um recente trabalho o Sr. Paul Gaffarel o confirma. (**)

Pedro Victor, noticiou um achado feito na provincia da Bahia, já ha alguns annos de uma lapida com caracteres do antigo islandico, e uma estatua *de Thor* com seus attributos, como o martello, cintura magica, etc. (***) O nosso Instituto Historico mandou fazer pelo conego Benigno estudos ahi, infelizmente sem resultados. D'este achado tratam diversas memorias do Instituto Historico.

Creio, que, se o povo scandinavico não desceu da America Septentrional para a Meridional, seus descendentes o fizeram e foram estes com seus costumes, que se dispersaram pelo Brasil, muito antes de aportar ás nossas plagas P. A. Cabral.

A colonia scandinavica que habitou a Vinlandia, a parte *oriental* dos Estados-Unidos, dispersou-se no anno 1000, pouco mais ou menos, como está provado; n'essa data talvez, parte desceu pela America Central, Mexico, Panamá, passando pelas Guyanas, vindo se estabelecer na foz do Amazonas, ou desceu pelas Bahamas.

A civilisação do Perú, a grandeza á que attingio,

---

(*) Esta memoria foi traduzida pelo fallecido commendador Manoel Ferreira Lagos. *Rev. do Ins. Hist.* Vol. II. Edic. 1858. Pag. 210.

(**) *Etude sur les rapports de l'Amerique et l'ancien continent avant Christophe Colomb.* Pariz. 1869.

(***) *Coup d'œil sur les antiquités scandinaves*, par Pierre Victor Pariz. Pag. 36.

é devida ao contacto de um outro povo mais adiantado ainda, que não o que desceu o Amazonas. Comparados os monumentos que se encontram de uma e de outra região, vê-se que são distinctos. O estylo não é o mesmo. Se procurarmos nas gerações de hoje, os traços caracteristicos, vê-se que a raça Amazonica differe da Andina. Algumas tribus, como a dos Muras, que existem hoje no Amazonas, não tem nem os traços, nem os costumes d'aquellas, oriundas das plagas brasileiras.

As antiguidades que se encontram no valle do *rio-mar*, dividem-se em armas, instrumentos e idolos de pedra, louça de uso domestico, aterros, e *sernambis* ou *kjokkenmöddinges*, urnas mortuarias *(ygasáuas)* e em inscripções ou desenhos.

N'estes rusticos monumentos, que só parecem attestar a barbaria de então, ha alguns que dão uma idéa muito favoravel d'essa epocha.

Brasseur de Bourbourg diz que, com a invasão dos Incas no Perú, parte do povo que existia não querendo sujeitar-se ao seu jugo desceu os Andes e estendeu-se pelo Amazonas e sul do Brasil reproduzin-se segunda e terceira vez essa dispersão de povos em consequencia de segunda e terceira invasão de povos da America Central.

O povo que existia no valle do Amazonas é anterior á invasão dos Incas, e menos adiantado em civilisação, tanto que não conheciam a arte de fundir os metaes, como o ouro. Seria o mesmo disperso pelos Incas?

Não o creio, porque o uso, principalmente, das cozinhas nas praias, attesta o contrario. Outra foi a marcha do povo invasor do Brasil, outra foi a invasão do povo primitivo, como n'outro capitulo procuraremos provar.

A geologia tem-se aproveitado d'estes achados, para nos provar que a idade da pedra polida, ou periodo neolithico, é muito anterior ao Genesis Biblico; que o homem é contemporaneo do mammouth, porém, no Brazil é difficil, estes instrumentos achados em terrenos anteriores á tradicção hebraica servirem de prova.

Uns, serão contemporaneos do periodo ternario, porém, outros terão um ou pouco mais seculos de existencia. Desenterrei em terrenos mais modernos instrumentos de pedra polida em regiões carboniferas (*) e devonianas (**), mas isto não nos prova serem elles contemporaneos d'essas revoluções geologicas. Como distinguirem-se uns dos outros se, á avaliarmos pelos costumes modernos, que só nos guiam, os gentios não dão um passo sem ser imitativo? O progresso não existe entre elles, por conseguinte a alteração da fórma não apparece senão quando ha um modelo. A fórma de seus instrumentos é sempre a mesma; não tendo elles senão a deixada pelos seus antepassados não podiam modifical-a, visto ser indole d'esse povo não fazer mais do que imitar, como que respeitando a herança de seus avoengos. Como na geologia, na ethnographia, os factos modernos nos explicam os antigos.

Sobre esses terrenos habitaram tribus, n'elles ficaram seus instrumentos, seus utensilios enterrados, que depois o tempo ainda mais soterrou e a floresta cobriu. Alem d'isso o desapparecimento dos instru-

---

(*) Nos Rios Tapajós, Trombetas, Yamundá e Yatapu.

(**) Nos districto do Ereré, em Monte Alegre.

mentos de pedra não data de muitos seculos, ainda á dous seculos eram usados.

Para mostrar os usos e costumes de uma geração extincta, fazer vêr o seu adiantamento, proponho-me dar uma relação das antiguidades Amazonicas assignalando a sua existencia, para mostrar que não é tão pobre, como o laconismo ou mesmo o silencio dos nossos historiadores, parece indicar. Na Europa mesmo as armas de pedra figuraram muito tempo depois da descoberta do bronze e do ferro, sendo algumas até preparadas por instrumentos deste metal.

Guilherme, o conquistador, ainda bateu-se com os Bretões armados de armas de pedra. Segundo Thomassen, na sua *Histoire primitive devoilée*, acharam-se nos tumulos, que os Athenienses levantaram aos mortos na batalha de Marathon, pontas de flechas não só de pedra como de bronze. Os archeiros ethiopicos do exercito de Xerxes, usavam de flexas com ponta de pedra, etc. Os selvagens da America, foram os que mais se demoraram com essas armas.

Não tenho a presumpção de apresentar um trabalho completo e perfeito, apenas passo a limpo as notas do caderno de campo.

Tratarei primeiro dos instrumentos e armas de pedra, que encontrei no Amazonas, deixando para outros capitulos as outras antiguidades. Se bem não fui o primeiro a descobrir esses instrumentos, comtudo sou o primeiro que os descreve e representa no Brasil. Por elles se avaliará, o estylo da época e se poderá comparar com os do norte da America e sul do Brasil, assim como com os dos normandos.

Todos os instrumentos representados foram encon-

trados ou desenterrados por mim, devendo um ou outro á obsequiosidade de algum amigo.

Nos outros instrumentos, quer antigos quer modernos, para guerra, caça e pesca, encontramos tantos pontos de contacto com os dos barbaros dos tempos historicos que mereceram tambem um escripto em separado.

Os instrumentos de pedra, bem ou mal polida que se encontram, são armas de guerra, utensilios de uso agricola e domestico e enfeites. Os primeiros compõem-se de massas, de pontas de flechas e de uma especie de folha de alabarda, e os outros, de machados, enchós, cunhas, mãos de pilão, mós, etc., e os ultimos de muirakytans.

A importancia que ligo aos lugares d'onde sahiram estes instrumentos, me levam á mencional-os sempre.

Pela comparação de uns com outros, poder-se-ha vêr a subdivisão da raça, com as modificações que fizeram nos seus usos, representados em seus instrumentos, e por um estudo comparativo e analytico chegar á poder formar-se um juizo sobre a sua origem.

Os instrumentos de pedra, que tão grandes luzes têm derramado por meio da geologia, de que tanto se tem occupado distinctos naturalistas da Europa como Boucher de Perthes, Lartel, Lyell, Reboux, Bourgeois, Delaunay, Büchner, Husley, Worsoel, e tantos outros, ainda entre nós não tem sido estudados.

Figuram no nosso Museu Nacional alguns exemplares, (*) mas que alli jazem cobertos de pó, como

(*) Devem-se estas reliquas aos Srs. Drs. Couto de Magalhães, Coutinho, Santos Souza e outros. Eu mesmo tive occasião de remetter uma collecção de 50 que se extraviaram, visto como não figuram ahi.

já o estiveram de terra, sem que sobre elles se tenha feito estudo algum.

Se os ha não conheço.

Não tem havido quem delles trate, e mesmo poucos conhecem estas antigualhas, que para muitos passam por *pedras de raio* ou de *coriscos*. Na Europa comtudo tem chamado muito a attenção dos Antiquarios do Norte que possuem no seu museu já uma bella collecção.

Não tendo visto, nem estudado outras antiguidades do Brasil, apenas apresento as do valle do Amazonas, para servindo de estimulo, outros mais habilitados e com mais luzes, fazerem um monumento, para o qual carrego esta pequena pedra ainda bruta. (*)

A oppinião que formo sobre a apparição da civilisação do homem no Brasil, talvez não seja verdadeira, mas vae ahi documentada com estes instrumentos que tantas fadigas, tantas privações, me custaram para obter.

Não é um trabalho completo, disse eu, porque me falta ainda visitar muitos lugares, onde espero talvez encontrar maiores antiguidades, porém, os instrumentos que ahi vão descriptos e representados, são amostras de quasi todos os feitios que existem,

---

(*) Apresento aqui, só as que encontrei nas minhas explorações, e como ellas, segundo informações que tenho, representam todas as formas que se encontram ahi, por isso não menciono as de outras localidades do alto Amazonas, onde tem sido encontradas. Se por ventura achar alguma com fórmas differentes ou que se torne notavel por qualquer circumstancia, em appendice a este trabalho darei noticia.

variando sómente no tamanho em alguns, e muito pouco na fórma, em outros.

Antes de entrarmos na descripção, farei algumas considerações sobre o uso que tinham.

Começarei pelas pontas de flechas de silex, que são muito raras.

Como sabemos o homem sempre viveu rodeado de inimigos, quer da mesma especie quer de outra. Rivalidades, falta de meios de subsistencia e outras muitas causas, fizeram com que o povo se dispersasse e formasse nucleos, que mais tarde constituiram tribus, que muitas vezes pelo seu desenvolvimento ainda se subdividiram. A separação da tribu, dá lugar á inimizades e estas ás lutas, e d'ahi os perigos que corre o homem, precisando para isso de armas para defeza, visto Deus não ter-lhe dotado com esse meio de defeza como a todos os animaes deu. A applicação de sua intelligencia produzio as armas primitivas que foram a massa e o arco, e cuja invenção perde-se na noite dos tempos.

Na idade da pedra lascada, começam á apparecer as pontas de flechas de silex, que nos provam ser o uso do arco já conhecido.

Antonio de Sousa Macedo, no capitulo XXI da *Eva e Ave*, attribue, pelas autoridades antigas, aos povos Assyrios, a invenção do arco, porém, é certo que a tradicção biblica nelle nos falla.

Quando Agar, errante com seu filho Ismael, pelo deserto de Bersabé, sentio secco o odre d'agua que Abrahão lhe pusera ás costas, e afastando-se para não vêr seu filho morrer á sede, « assentou-se defronte tão longe como um tiro de flecha. » (*) Assistindo

(*) Genesis, cap. XXI, v. 16.

Deus á Ismael, cresceu este e « ficou vivendo no deserto e sahiu um bom archeiro. » (*)

Na mythologia grega vemos Apollo, armado de arco e flechas (**) assim como Hercules, pela descripção de Homero. (***)

Sempre os poetas e os pintores nos pintaram desde a maior antiguidade Diana, a caçadora, e Cupido armados de arco e flechas.

Parte das tropas, nos ultimos tempos do poder militar da Grecia, era armada com arco e flechas. Os archeiros e bésteiros vêm-se tambem nas tropas romanas, com o nome de sagittarios.

O arco, pois, é a arma primitiva e a segunda inventada, pois a primeira foi a massa, como a mais natural.

A sua fórma e perfeição denota o estado mais ou menos adiantado. Como na idade media, existem no Amazonas os arcos direitos e curvos. Os primeiros só se vêm entre os gentios e os segundos entre alguns tapuyas.

O silex pela facilidade de lascar, deixando arestas cortantes, foi o primeiro empregado para a ponta das flechas. O crystal tambem em alguns lugares era usado; mais tarde, porém, foi substituido pela taquara, ou pelo ferro, como as de que usam os Muras semi-civilisados.

Estas flechas só serviam, como hoje, para a defesa contra inimigos, ou para a caça de animaes superio-

---

(*) Genesis, cap. XXI, v. 20.

(**) Illiada 1.º—45.

(***) Odissea 11.º v. 20 606.

res, porque para a caça miuda ou para a pesca, só empregam a de ponta de osso, quer humano, quer principalmente das tibias de veado ou de macaco.

O dardo, segundo depois da massa ou clava, dando idéa para o arco, tem comtudo, um emprego diverso. Aquelle é usado só quando a peleja está braço á braço, que não dá lugar á estender-se este. Tinha tambem a ponta de silex, que depois foi substituida pela madeira, usando-se principalmente a da palmeira pachiuba, *(Iryartea)* por ser mais forte.

Com o nome de *curaby*, *murucu* e *murucu-maracá* é tambem usado por diversas tribus do Rio-Negro, Purús e Japurá. Quasi sempre são hervadas pelo *urary*.

A massa foi o primeiro instrumento homicida, (pela tradição biblica,) foi d'ella que se servio a inveja representada por Caim. Foi de madeira, com ella tentou Hercules esmagar o leão das florestas de Nemea e Cleomæ, fizeram-a depois de pedra e ainda no 4.° seculo, pelo Schisma de Donat, os padres armaram com ellas as suas ovelhas. Entre os nossos gentios, voltou á ser de madeira, ha já seculos, tanto que d'ellas não fallam nossos historiadores. As victimas prisioneiras, segundo estes, sempre cahiram debaixo do peso da *ymyrapema* dos muruichâuas.

Entretanto, já a tiveram de pedra, que mais difficil de encontrar e trabalhar, foi despresada pelo páo d'arco *(tecoma)* e pela muirapiranga *(cæsalpinia.)* (*) O *cuidaru*, e a *tamarana*, substituem perfeitamente as massas de pedra, já pela facilidade do trabalho, já

---

(*) *Ymyrá*, madeira, *piranga*, vermelha.

pela rigidez, como pela duração necessaria. Introduzida pelos normandos, foi despresada muito antes do descobrimento dos portuguezes.

São tão raras, que bem mostram que ha longos seculos foram esquecidas. Nossos descobridores só conheceram a clava de madeira, tanto que Pedro Vaz de Caminha, companheiro de Cabral, que tão minucioso é no seu contar, d'ellas não nos falla.

Como o dardo, a massa só se emprega na luta braço á braço, quando a peleja é mais renhida, para abater os mais valentes, sacrificar os prisioneiros, ou castigar os *maracaimaras*, feiticeiros. Com dentes de *taitetu* ou de *queixada* e ainda com as de *cutia*, preparam a madeira, e depois ornam-a com desenhos gravados, ou com pinturas feitas de *tauá-tinga*, (argilla branca) *urucú* e *carajurú*. Os tucháuas enfeitam-as de pennas e marchetam-as com a madreperola das conchas ou com a casca dos ovos de *macucáua*.

As massas de pedra, eram geralmente de diorito, de trapp ou de syenito.

No meio de uma natureza gigante, coberto o sólo por densas florestas, via-se o homem privado de cultivar o sólo, para prover-lhe a existencia. A pesca e a caça forneciam o principal alimento, porém, do sólo nada podiam tirar.

A necessidade aguçou a intelligencia e esta inventou um instrumento, que manejado por mão habil, derrubou as florestas e fez rebentar a cultura. Appareceu o machado, á principio lascado, tosco, e depois polido e aperfeiçoado.

A sua invenção perde-se na noite dos tempos, o seu emprego data da idade primitiva. O homem primitivo, o companheiro do *elephas primigenius*, do *rhinoceros trichorrhinus*, do periodo quaternario, d'elle tambem

usou, e cousa notavel, milhares de annos depois, ainda os selvagens do Brasil usavam estes instrumentos quasi com as mesmas fórmas, sendo alguns até iguaes. A propria rocha, de que eram feitos, é a mesma com pouca differença.

Comparados, tambem, com os que usavam os normandos, ha tanta semelhança que parece fóra de duvida que foram elles os mestres dos nossos selvagens pois não admitto a doutrina evolutiva. Confirma-me esta opinião, o facto de não encontrarem os normandos, os naturaes armados de armas de pedra e sim sómente de arco e flechas como se deu no attaque que soffreu Leif Thorvald, do qual foi victima. (*) N'outro attaque, que outros expedicionarios fizeram, os naturaes além da flecha só traziam umas especies de balistas que arremaçavam pedras longe. Não conheciam o machado, tanto que assim se exprime o Sr. Gravier: (**)

« Les Skrellings ou Esquimaux arrivent à portée du trait, lancent une nueé de fléches et s'enfuient. »

Empregavam-os nos mesmos misteres? Estudando-se o caracter do indio, é fora de duvida que sim. Como d'elles se serviam e para que?

Conforme o emprego que tinham, assim eram as fórmas e o tamanho. Havia para o córte das madeiras, para debastal-as e para o preparo dos utensilios de que precisavam.

Para córte das madeiras serviam-se dos grandes,

---

(*) *Decouverte de l'Amerique par les normands ou X siécle*, par Gabriel Gravier. Paris 1874. Pag. 62.

(**) A mesma obra. Cap. II. Pag. 87.

e oblongos, para rachal-as dos longos e cylindricos e das cunhas, para preparal-as, quando já debastadas, dos chatos e dos pequenos, que eram empregados as vezes como enchó.

Assim ainda se servem os indios Makahs, antes Mak-kah, da região do Cabo Flattery, no territorio de Washington. (*) Esta semelhança de uso, como que ainda corrobora a nossa opinião.

Conforme o emprego, assim era cabo e a maneira de encaixal-os. Uns, eram apenas amarrados ao cabo, outros encaixados e amarrados, e ainda outros, além do amarrilho, cobriam este com cerol, que ajudava á segural-o.

O comprimento do cabo e a fórma era relativa ao emprego; assim os que serviam de enchó, tinham o cabo curvo e anguloso, emquanto os outros eram mais ou menos direitos, mais ou menos cylindricos. *(Vide a Est. I)*. Os cabos ás vezes eram ornados de desenhos gravados.

Como preparavam estes machados? O acaso m'o deu á conhecer, deparando com um dos lugares em que eram fabricados. Este achado já mencionei em outro escripto (**).

Passando a cachoeira do Boburé, saltei em terra e ahi encontrei, perpetuada nas rochas, uma lição, para os que hoje ignoram, como eram feitos os machados de pedra.

---

(*) *The indians of cape Flattery*, by James G. Sivan. Washington. 1869. Pag. 24.

(**) *Exploração e estudo do Valle do Amazonas. Rio Tapajós.* Rio de Janeiro. Pags. 97.

Escrevi o seguinte:

« Correndo os rochedos que aqui e alli entre a arêa formam immensas chapadas, encontrei sobre alguns diversos e differentes sulcos, uns já gastos, outros ainda perfeitamente visiveis, que mostravam ter sido feitos pela mão do homem.

« Examinando com attenção as suas fórmas, comparando uns com outros, medindo as suas profundidades, cheguei a convencer-me de que ahi é que eram aperfeiçoados os machados de pedra que se encontram nas margens do Tapajós.

« São tão claros, que recordam perfeitamente as diversas fórmas dos mesmos, nos indicando com precisão, onde eram aperfeiçoados os grandes e os pequenos; onde alisavam-se as faces; amollavam-se, arredondava-se os lados, etc. Penetrando para o interior ahi vim a certificar-me que não errava quando assim pensava, encontrando vestigios de uma maloca, pelos fragmentos de louça e de diorito, do mesmo da cachoeira do Apuhy. Pelos fragmentos de diorito vê-se que os mesmos machados eram, depois de debastados em terra, aperfeiçoados sobre os rochedos, banhados pelas aguas. A rocha ahi perpetua um facto, que não admitte duvida. »

Sobre o modo porque empregavam estes machados no corte das madeiras, diverje a tradicção indigena. Disse eu, em outro trabalho (*) tratando deste assumpto, o seguinte:

« O uso que destes machados faziam está ainda duvidoso. Querem uns que servisse para picar a parte cortical do tronco das arvores, para dar-lhes a morte e depois de seccas serem destruidas pelo fogo; outros, que para cortar as arvores, depois de queimadas, isto é, lançavam fogo em torno a arvore e quando queimada picavam com os machados, até chegar a madeira; tornavam a queimar nesse lugar e tornavam a picar e assim até derrubar a arvore. Penso, porem, que derrubavam sem o auxilio do fogo, porque em centenares de

(*) *Exploração e estudo do Valle do Amazonas. Rio Yamundá.* Rio de Janeiro. Pag. 92.

fragmentos que tenho encontrado, tenho observado, que muitos tem a parte cortante não só gasta como lascada, o que prova que feriam parte dura. O carvão nunca lascaria o diorito. Talvez empregassem-os com o fogo para derrubar as madeiras e depois as lavrassem sem esse auxiliar, tão poderoso dos indios. »

A prova de que empregam o machado, sem o auxilio do fogo, está no numero de fragmentos desse instrumento, que se encontra nos lugares denominados *terras pretas*, que foram não só suas lavouras, como mesmo em alguns existio a maloca. E' tão grande o numero dos machados partidos, ou com o gume lascado ou gasto que nessas paragens se encontra, que podemos calcular em 6 °/₀ os que se encontram perfeitos. O trabalho de muitos mezes, no fabrico de grande numero de machados, era perdido talvez em um só dia de derrubada. Sempre foi esse o meu modo de pensar, pelas observações que fazia quando me veio confirmar a opinião do illustre M. Broca, emittida na primeira sessão da *Sociedade de anthropologia de Paris* em 1860, quando se tratava dos instrumentos de silex, que justificavam a descoberta do incansavel e finado M. Boucher de Perthes. Diz elle:

« Quand un sauvage de ce temps là voulait couper une branche, il heurtait deux silex l'un contre l'autre jusqu'à ce que l'un eût un bord plus au moins tranchant; puis, quand ce tranchant était émoussé, il jetait son silex et en taillait un autre; parce qu'il ne possedait aucun moyen d'aviver le premier tranchant.

« Il ne fallait pas faire beaucoup d'ouvrage pour user ainsi plusieurs haches en quelques heures, et quand, une famille ou une tribu avait achevé la construction d'une cabane ou les preparatifs d'une chasse le sol etait jonché d'un grand nombre de haches ou de couteaux desormais inutiles. » (*)

---

(*) *Les ancêtres d'Adam, histoire de l'homme fossile* par Victor Meunier. Paris 1875. Pag. 92.

Esta explicação está de perfeito accordo, com o que se passava muitos seculos depois no Amazonas, como por muitas vezes, tive occasião de observar.

Ha lugares, quo entre centenares de fragmentos, em excavações que fiz, nunca pude encontrar um só perfeito.

A paciencia e o tempo que era preciso para preparar-se um desses instrumentos, nos dá uma idéa agradavel do povo de então. Para a realisação de um fim, quanto não era preciso trabalhar a intelligencia, procurando uma fórma que se prestasse ao exito que se esperava! Pensavam alguns que só por meio da fricção de uma contra outra pedra eram preparados estes utensilios, sem o emprego d'agua, e é esta a crença indigena, que vi desmentida na cachoeira do Boburé.

Pensa assim tambem M. Rigollot, (**) quando tratando-se do silex preparado, assim se exprime:

« Tous ces silex sout travaillés de la même manière; cet-à-dire qu'avec une adresse, nous n'osons dire un art, qui souvent nous etonne, ont et parvenu en detachant les éclats, non seulment á les degrossir, mas á leur donner la forme la plus convénable aux usages pour lesquels ils étaient destinés, armes ou outils. »

A parte mais notavel que se encontra nas massas e nos machados é, nas primeiras, a preparada para passar as ligaduras que as prendiam aos cabos, e nos segundos, a chanfrada e furada, por onde passavam tambem as ligaduras.

Como podiam cortar a rocha e abrir sulcos pro-

---

(**) *Memoire sur les instruments en silex trouvés á Saint-Acheiul, prés Amiens, et considerés sous les rapports geologiques et archeologiques.* Paris. 1854.

fundos transversalmente, ás vezes em duas direcções, e fazer furos com circulos tão perfeitos? Pela fricção, não de uma contra outra rocha, mas pela da madeira, auxiliada pela areia e tambem pela agua.

Antes de apresentar o processo, cumpre dar as razões que me levam á avançar semelhante opinião. Os sulcos das massas, as chanfraduras dos machados e os furos que alguns têm, foram sempre para mim motivos para serias investigações. Nos costumes dos gentios e tapuyos de nossos dias, legados pelos seus avoengos, achei o processo.

Usam no Amazonas os tapuyos para a pesca das tartarugas, de uma flecha denominada *sararaca*, empregada por elevação.

Consta de tres partes: da flecha propriamente dita, da *suumba* (*) ou virote e do *itapuá*. (**)

A primeira é de flecha empennada n'uma extremidade, a segunda é de madeira encaixada na precedente na extremidade opposta á das pennas e a terceira tambem de madeira com uma ponta de ferro, porém, solta, apenas unida á suumba em que se encaixa, por um fio de tucum ou de algodão, que se enleia na primeira. Este fio tem sempre a profundidade do rio em que se pesca.

Para servirem-se enleiam o fio todo na flecha e entroduzem o itapuá em um furo que tem a suumba na parte superior. Em outro escripto já tratámos d'esta flecha e da maneira de empregal-a na pesca; trazemol-a á questão, por ser a que primeiro nos levou á pensar no modo de furar-se a pedra.

---

(*) Corruptella de *huyb*, flecha e *ymb* fuso.

(**) *Ita*, pedra, *puá* ponta, significa tambem prego.

Disse que na suumba havia um furo onde se entroduzia o virote; como fazem elles este furo? Como civilisados, podiam servir-se da verruma ou da púa, mas, seguindo o costume deixado por seus antepassados preferem usar d'outro meio, mais rapido e mais seguro.

E' o seguinte: tomam uma vara, de um metro pouco mais ou menos de comprimento, pregam em uma extremidade um prego sem cabeça depois gastam-o em uma pedra até achatar a ponta, de maneira a apresentar a forma do corte de um formão.

Com este instrumento, assim feito, prendem a suumba, antes de segura á flecha, entre os dedos polegar e indicador do pé esquerdo, collocam a ponta do prego no centro da extremidade que querem furar, e de pé, fazendo girar a vara entre as palmas das mãos, em um instante fazem o furo. Outras vezes fazem o instrumento com a vara muito menor e servem-se d'elle como o ourives com o berbequim.

Examinando bem os furos dos machados, pela maneira que apresenta a parte gasta, conheci que era feita pela fricção de um outro corpo, pelo mesmo processo do furo da suumba, trabalhados primeiro de um e depois do outro lado, até encontrarem-se os furos.

Não poderiam furar, senão com uma haste de madeira, auxiliada pela areia e pela agua, para que podessem dar o movimento giratorio entre as palmas das mãos.

Quanto ao berbequim, sempre o tive como uso aprendido na sociedade, até o dia em que encontrei um objecto de barro cozido, que veio mostrar-me que este instrumento era usado antes da descoberta do Amazonas, o que prova, ou a grande intelligencia do indio de então, ou o contacto com um povo que

conhecesse o uso d'elle, o que é mais provavel. Pela sua fórma, pelo furo que o trespassa e pelo seu peso, depois de muito o estudar, cheguei á conhecer que pertencia elle á peça do berbequim em que se passa a corda do arco para fazer girar a púa. A principio tomei-o por um enfeite de pescoço, o que o seu peso repugnava, mas, vendo o uso do berbequim introduzido até em lugares remotos, não duvidei mais do seu emprego.

Tinha, não só chegado á formar idéa da sua fórma, como desenhado e annotado o instrumento, no meu caderno de notas, quando cahiu-me nas mãos a experiencia do professor Carlos Rau, feita com um berbequim de seu invento, com que chegou á furar o diorito com uma púa de madeira auxiliada pela areia e pela agua (1). *(Vide Est. I Fig. 9.ª)*

O uso do berbequim entre os antigos Iroquezes, levou o mesmo senhor a fazer á experiencia, com elle, sendo coroado dos melhores resultados.

Esta experiencia confirmou muito o resultado dos meus estudos. Ainda mais, n'um aterro sepulchral, achou o Sr. Davis, um circulo de pedra perfurado, que estudado pelo mesmo professor Rau, conheceu-se ser uma peça da púa de um berbequim. Este achado dos Estados-Unidos, comprova o do Amazonas.

Para as chanfraduras dos machados, empregavam um outro processo, que vi praticar pelos indios querendo partir regularmente um caroço de uauassu, (atallea).

Serviam-se de uma tala de madeira, que empregavam como serrote, molhando constantemente a parte

(1) *Drilling in stone without metal* by Charles Rau. Washington. 1868, Pag. 394.

friccionada e addicionando-lhe areia fina. Estudando-se os cortes feitos na parte chanfrada vê-se claramente que era esse o processo empregado. Em alguns nota-se que alem da tala empregavam com o mesmo auxilio, em vez da tala de madeira, uma corda fina, ou antes alguma tira de couro de anta ou de queixada.

Era trabalho moroso, de paciencia e que empregava talvez mais de um individuo, mas que está na indole do indio.

Ainda hoje não levam, ás vezes, seis mezes trabalhando a madeira com o dente de taitetú, para aperfeiçoal-a e fazer um arco? Os Uaupés do Rio Negro, ainda furam os seus ornatos de quartzo, com madeira, agua e areia, como já fiz vêr (*) e nos refere ainda Wallace. (**)

Eram, pois, os machados feitos por fricção contra uma rocha lavada pela agua, furados e lavrados com madeira, agua e areia e empregados sem o auxilio do fogo em diversos misteres. Para cada um delles, havia formas diversas, que se applicavam em diversos tamanhos. Encontram-se machados desde 3 á 40 centimetros de tamanho, affectando sempre a mesma fórma, na tribu a que pertenciam, com raras excepções.

O uso da pedra polida no Brasil e em toda America, julgo que nasceu da ignorancia do uso da preparação do ferro para servir como instrumento.

A colonia scandinavica que desappareceu, dispersando-se, vendo gastos os instrumentos que consigo

---

(*) *Exploração e Estudo do Valle do Amazonas. Rio Yamundá.* Rio de Janeiro. 1875. Pag. 56.

(**) *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro* by Alfred R. Wallace. London. 1853. Pag. 278.

trouxe não achando meios de haver outros, para substituil-os começou talvez a imitar em pedra os seus machados. Por descendencia e imitação este costume passaria para os naturaes, que foram assim legando os modelos, que segundo a habilidade do artista soffria mais ou menos alguma modificação. Não foi, comtudo, ella tão grande, pois hoje comparadas as fórmas ainda quasi são as mesmas. As armas e instrumentos de pedra datam na America do anno 1000, pouco mais ou menos.

Não duvido que pudessem existir em épocas geologicas com o homem quaternario, mas como este no estado fossil no Brasil ainda não foi provado existir, não posso crêr que seja a idade de pedra do Brasil, anterior á vinda dos normandos á America.

O Dr. Lund, tem encontrado ossadas humanas nos depositos antigos de cavernas em Minas, mas não se anima á affirmar a contemporanidade com os animaes e especies extinctas, entre os quaes se acham (*). O Dr. Liais, baseado apenas em uma nota, que existe no Museu de Paris, correspondente á uns ossos enviados para ahi pelo viajante Clausen, é o unico que diz, não restar duvida que o homem no Brasil é contemporaneo do *megatherium* e *megalonix*. (**) As armas e instrumentos de pedra, historicamente fallando remontam á alta antiguidade, mas não á antiguidade geologica.

Os depositos de *sernambis* ou *sambaquis*, são talvez seus contemporaneos ; nelles achei instrumentos de

---

(*) *Memoires de la Societé Royale des Antiquaires du Nord.* 1845 e 1849. Copenhague. Pag. 50.

(**) *Climats, geologie, faune et geographie botanique du Brésil* par E. Liais. Paris 1872. Pag. 242.

pedra, porém, esses depositos, como já fiz ver, não representam uma revolução geologica, nem um desvio do rio, mas sim o trabalho annual de uma tribu que existio não ha muitos seculos. Os instrumentos de pedra, pois, no Amazonas e para dizer no Brasil são guias archeologicos, que só dão luz á ethnographia.

Além dos instrumentos de pedra, faziam os indigenas ainda em 1639, (*) quando desceu do Perú, o Padre Acuña, idolos que protegiam as suas batalhas, suas pescarias, etc., aos quaes não tributavam culto algum. D'estes idolos tive a felicidade de ser o primeiro a encontrar e a descrever. (**)

Este uso, perém, não foi herdado dos normandos, pois que no anno 986, já o christianismo estava derramado pela Scandinavia. A idolatria desceu do Perú, com as tribus que não quizeram sugeitar-se ao poder de Manco Capac; mas, o estylo parece ter sido trazido do Mexico, por outra invasão.

A crença que existe entre os indigenas, de que tudo na terra tem um espirito que domina os seus semelhantes, isto é que tem uma *mãi (Sy)* invisivel, levou-os a representar essa creação do espirito com fórmas palpaveis. Para mostrar que foi uso introduzido pelo Perú, basta vêr-se que só no Amazonas, entre algumas tribus a idolatria era seguida. A extincção dos idolos data da introducção do christianismo pelos missionarios, que não só quebravam, lançavam ao rio os de pedra, como queimavam os de páo. (***) A arte e a

---

(*) *Exploração e estudo do Valle Amazonas. Rio Tapajós.* Rio de Janeiro. 1875. Pag. 38.

(**) *Idolo Amazonico achado no Rio Amazonas,* por J. B. Rodrigues. Rio de Janeiro. 1875.

(***) *Thesouro descoberto no maximo Rio Amazonas* por José Daniel. *Revista do Instituto Historico.* Tom. 2. n. 8. 1858. Pag. 484.

perfeição com que eram feitos, denotam um adiantamento, que desappareceu. A comparação entre as obras de então e os trabalhos de hoje, dá uma idéa muito desfavoravel não só da intelligencia como da habilidade dos modernos.

A arte de então, atravessou os seculos nos monumentos de pedra, que se acham soterrados, para levantar a ponta do véo que encobre o mysterio do homem americano. Estes rusticos monumentos, desprezados até hoje por nós, servem para attestar ás gerações futuras quanto foi grande a decadencia da raça americana, hoje representada por um povo indolente, quasi sem arte e sem industria. Pelas minhas observações cheguei á conclusão, de que o crusamento da raça indigena com a caucasica, trouxe a diminuição da intelligencia. Os mamelucos, que representam esse crusamento, são de todos os crusamentos do Amazonas o menos intelligente.

O que escrevi acerca do idolo em questão póde lêr-se no trabalho citado.

Depois do que tenho dito sobre as armas e instrumentos de pedra, só me resta tratar dos seus enfeites.

Os de que até hoje temos noticias, são os denominados pelos naturaes de *muirakytans* (*) que os indios Cunurys, chamavam *aliby*.

Toda a tradição quer escripta, quer fallada, dá a sua procedencia de uma tribu que desappareceu, que nunca foi vista, á que Francisco Orellana appellidou de *Amazonas*.

Tive occasião de me certificar de que eram usa-

(*) *Muirá* páo, *kytan*, nó.

dos por essa tribu, nas excavações que fiz, quando descobri o lugar em que existiu a dita tribu. (*) Hoje são rarissimas esses enfeites, e d'elles deixo aqui de tratar por tel-o feito com algum desonvolvimento quando descrevi o Rio Yamundá. Uma tribu, ainda hoje usa tambem de enfeites de pedra ao pescoço *(chirimbitás)*, é a dos Uaupés, do Rio Negro, que quanto a nós é a mesma das Amazonas, como já tive occasião de fazer vêr quando d'ellas tratei. (**)

Eram estes enfeites de um feldspatho laminar, verde, pelo que foram conhecidas por *pedras verdes*. Os indios hoje quando acham alguma soterrada, attribuem-lhe virtudes milagrosas de maneira que substitue o amuleto antigo, com o qual tem muitos pontos de contacto. Os chirimbitás dos Uaupés, são de quartzo e usados como symbolos de grandeza, que é tanto maior quanto é o enfeite. Ha alguns de dous decimetros de comprimento, que os tucháuas ou chefes, trazem pendentes ao pescoço, enfiados em uma corda, feita de pello de macaco *barrigudo* (logothrix Humboldtii), enfeitada de pennas da cauda do *yapú* (cassicus cristatus).

Antes de terminar resta-me considerar como poderiam vir dar a costa norte do Brasil, os scandinavos, que parecem ser os introductores da civilisação entre os indigenas.

Como poderiam elles, sem passar pela America Central e Panamá, onde a civilisação mexicana estava muito mais adiantada, chegar á costa norte do Brasil

---

(*) *Exploração e estudo do Valle do Amazonas. Rio Yamundá*, Rio de Janeiro. 1875. Pag. 51.

(**) A mesma obra. Pag. 41.

se as correntes e os ventos *alisios*, a isso se oppunham?

Como explicar que foram os normandos e não mexicanos e peruanos que estavam então mais adiantados, os introductores do aperfeiçoamento da arte e da industria de então? Se as correntes e os ventos a isto se oppunham, o archipelago que existe entre o golpho do Mexico e o Attlantico o favoreciam. Costa á costa, até á Florida e d'ahi pelas ilhas Bahama, Porto Rico e pequenas Antilhas, chegariam ao Orenoco. Subindo por elle e pelo Cacyquiare, desceriam o rio Negro e Amazonas, ou costeando as Guyanas chegariam á ilha de Marajós. Além desta possibilidade que existe ha alguns indicios que parecem comprovar esta opinião.

No Rio Negro, no Rio Urubú, onde outr'ora correu o Amazonas, em Itacoatiara, e na serra da Escama existem inscripções esculpidas, fóra de duvida feitas pelo mesmo povo, que parecem indicar, que por ahi houve uma passagem de emigrantes que deixavam traços para guia dos que se lhes seguiam, ou marcavam as suas datas memoraveis. Esta emigração, parece que irradiou-se pelas Guyanas, porque nos rios Berbice e Correntyne, explorados pelo meu amigo e distincto geologo o Sr. Charles B. Brown, Sq., existem inscripções iguaes, cujos desenhos teve a bondade de me communicar, assim como lhe communiquei os da serra da Escama. Estas inscripções não tem menos de 800 annos. As da Guyana Ingleza foram calculadas pelo Sr. Brown em 1000 annos.

Entre estes desenhos, mais ou menos enigmaticos existe um no rio Negro, e que dá alguma luz á esta questão, é o esculpido em uma rocha da ilha de Pedra, que representa uma antiga embarcação, com formas não usadas ainda no Amazonas.

As primeiras embarcações de civilisados que sulcaram as aguas do Amazonas foram: em 1541 o bergantin de Francisco Orellana (*), que descendo pelo fio da corrente, não podia dar tempo á que os naturaes tomassem-lhe as formas; a segunda em 1637, foi a canôa dos leigos castelhanos da ordem de S. Francisco, Frei Domingos de Brieda e Frei André de Toledo (**); a terceira a canôa do capitão Pedro Teixeira e as de sua expedição em 1638 (***); a quarta e a primeira que entrou pelo rio Negro a canôa dos missionarios jesuitas Francisco Velloso e Manuel Pires, em 1657 (****); a quinta e segunda que sulcou as aguas negras do rio que da côr dellas tira o nome, é a dos missionarios Carmelitas em 1668 (*****).

De todas estas embarcações a unica que podia servir de modello á que se vê gravada, foi a de Orellana, que tal qual como maior podia ter dous mastros, representa a gravura indigena; mas esta passou tão rapidamente que era impossivel os indios reterem as formas na memoria.

Vê-se, pois, que outra embarcação, tiveram por modelo. D'ella trataremos no capitulo das inscripções.

Quando essa não fosse a marcha dos invasores, temos ainda uma presumpção de que a costa do Paru

---

(*) *Historia do Brazil* de Robert Southey.—I Pag. 131

(**) Obra citada. II. Pag. 122. *Compendio das Eras do Pará* por A. L. M. Baena. Pará 1838. Pag. 38.

(***) *Historia do Brazil* de Robert Southey. II. Pag. 424. Baena *Compendio das Eras* Pag. 41.

(****) *Historia do Estado do Maranhão*, pelo padre José de Moraes. Pag. 526.

(*****) Baena. *Ensaio Corographico*. Pará. 1839. Pag. 384.

e a ilha de Marajó, foram os pontos escolhidos para n'ella se estabelecerem. Se por um lado temos a correlação nos desenhos, por outro temos o encontro de uma tribu, habitando a ilha de Marajó com usos, costumes e linguagem, tudo differente das demais nações do Brasil.

Tão difficil era o seu dialecto, que os Tupinambás deram-lhe o nome de *Nhengaibas*. (*) Tão numerosa era ella, que occupava toda a ilha e tão poderosa, forte e guerreira que todos a temiam, até os portuguezes.

O que, porém, não poude o arcabuz, poude a cruz do missionario Antonio Vieira.

D'onde veio esta nação, com uma linguagem desconhecida em todo o Brazil?

E' opinião geral, que a civilisação extincta do Amazonas é andina, mas pela comparação que temos feito, não só dos costumes como das antiguidades vê-se que é differente. Além d'isso a civilisação andina e mexicana estavam mais adiantada, do que a dos normandos.

Comparados os monumentos deixados pelos normandos, com os dos Incas e Nahuas, estes deitam á sombra aquelles.

Não affirmo, mas parece-me que nossos auctocthenes se relacionaram com os filhos de Odin, como veremos, quando tratar da *arte ceramica*, dos *atterros sepulchraes*, dos *sernambys* e das *inscripções*.

J. Barboza Rodrigues.

*(Continúa.)*

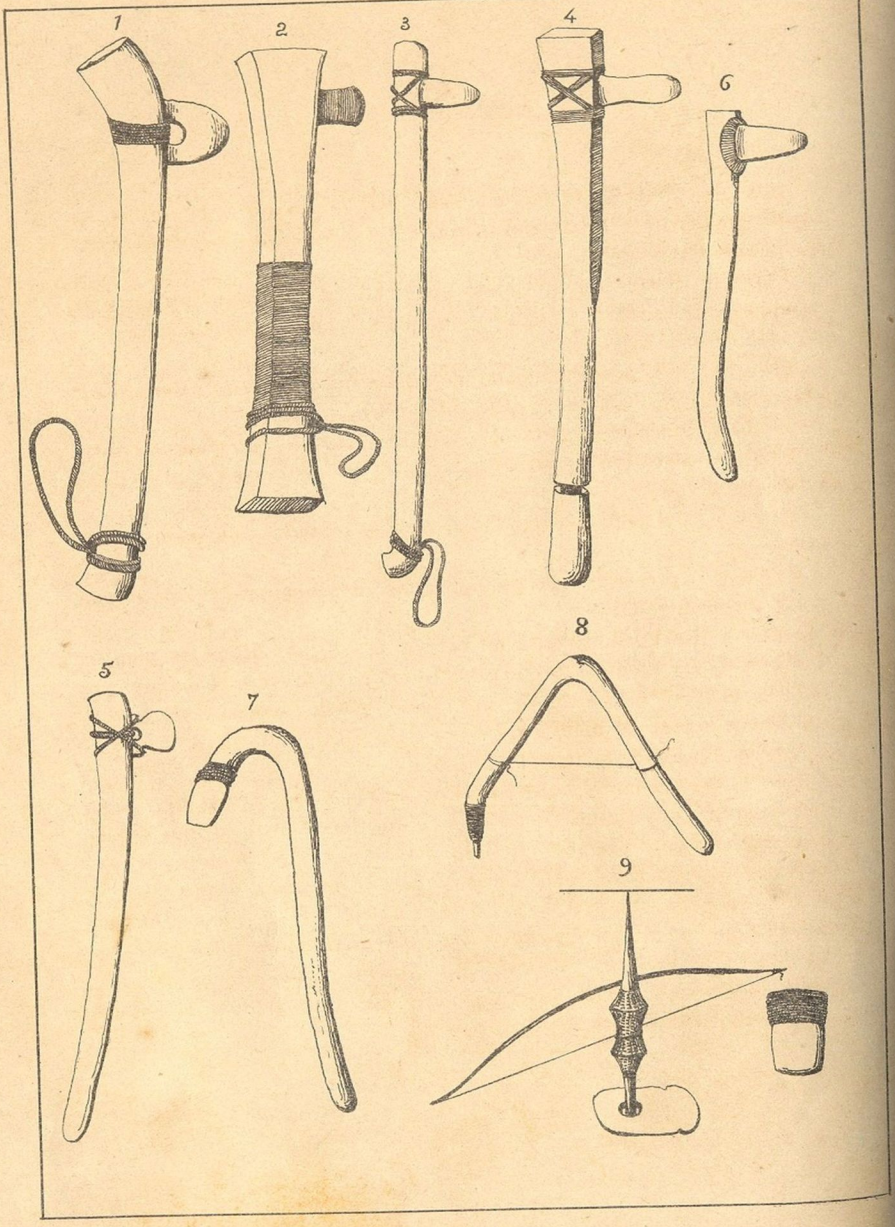
---

(*) *Neeng*, fallar, *aib*, mal.

# Estampas e suas explicações

COPIADAS E REDUZIDAS A UM TERÇO DO NATURAL

PELO AUTOR


1
2
3
4
6
5
7
8
9

## ESTAMPA I

FIG. 1.ª Representa um machado encaixado no cabo, preso sómente por cordeis de fio de tucum *(Astrocaryum vulgare,* Mart.) que passam pelo furo.

FIG. 2.ª Mostra um machado encaixado n'uma abertura do cabo e soldado com cerol. O cabo é enleiado com fio de algodão, para não magoar a mão.

FIG. 3.ª Indica um machado mettido n'um alvado do cabo e preso pela casca do cipó uambé. *(Philodendrum ambé).*

FIG. 4.ª Machado ligado pela mesma fórma e com a mesma fibra.

FIG. 5.ª Machado preso ao cabo, não só pelo furo como pelos entalhes que tem.

FIG. 6.ª Machado encaixado no cabo e soldado unicamente com cerol.

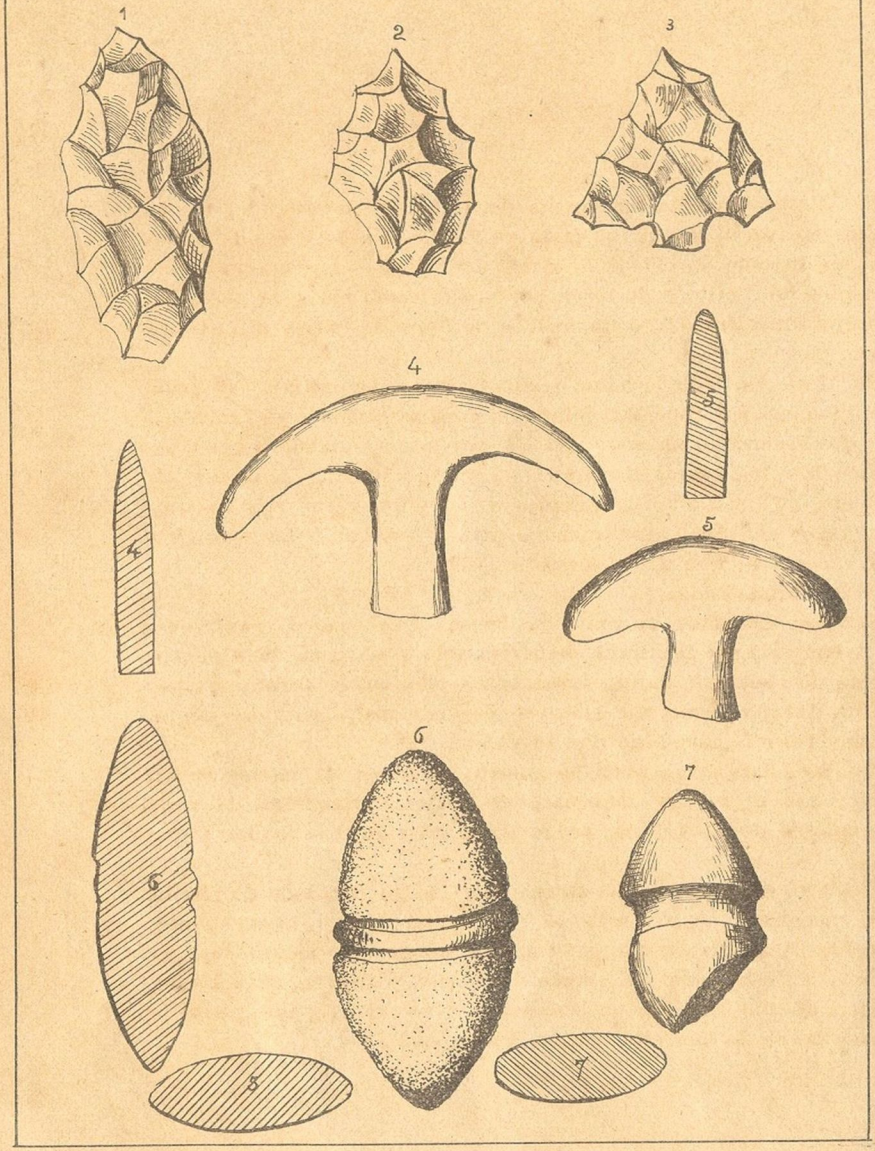
FIG. 7.ª Apresenta uma enchó ligada obliquamente e presa com cerol e fio de algodão.

FIG. 8.ª Enchó encaixada no cabo e presa por fibras de uambé.

FIG. 9.ª Dá idéa do berbequim usado para furar a rocha de que faziam os machados. A peça por onde passa a corda é de argilla queimada e a púa de madeira.

Está em posição de trabalho.

Com estes machados, que tambem serviam de armas de defeza ou de guerra, conforme a occasião, não só derrubavam como lascavam a madeira que precisavam para suas obras, geralmente de uso domestico; porque para construcção empregavam, como ainda hoje, a madeira bruta. As enchós serviam para cavar as suas ubás e mesmo aplainar a madeira, como para os arcos. O berbequim julgo que empregavam verticalmente, calcando com a mão algum objecto proprio sobre a ponta superior da púa, porque o uso de trabalhar assentado não permittia outra posição.


1
2
3
4
4
5
5
6
6
7
7

## ESTAMPA II

FIG. 1.ª Representa uma ponta de flecha de silex lascado, encontrada na escavação que fiz na mina de *Sernamby*, da Serra da Taperinha, no districto da cidade de Santarém. Com esta ponta encontrei fragmentos de diorito e de machados, assim como ossos de peixe boi (*manatus americanus*), e fragmentos de louça de barro, alguns com fuligem.

FIG. 2.ª Ponta de flecha de agatha lascada, que encontrei na praia de Itaituba, no rio Tapajós, confundida com os brachiopodes carboniferos, que se encontram disseminados pela praia, quando o rio vasa.

FIG. 3.ª Esta ponta de flecha foi encontrada na povoação de Sant'Anna, no Rio Uatumá, quando se fazia um buraco para se enterrar um esteio. Sendo-me immediatamente communicada, procedi á maior excavação, que não deu outro resultado.

É de silex lascado.

FIG. 4.ª Encontrei na praia da mesma povoação de Sant'Anna, onde a enchente do rio, tinha desbarrancado a margem. Esta pequena arma de guerra, é muito semelhante, não só ás encontradas no norte da Europa, como na America Septentrional, quer de pedra, quer de bronze. Esta é de diorito polido.

FIG. 5.ª Esta outra arma de guerra, maior e da mesma rocha, encontrei sob as rochas calcareas, do terreno carbonifero, da margem esquerda do rio Yatapú, pouco acima da affluencia do Rio Capucapu.

FIG. 6.ª Representa uma outra arma de guerra, feita da mesma rocha, encontrada na povoação do Yatapu, no rio do mesmo nome, encravada na argilla de que é formada á margem do mesmo rio.

FIG. 7.ª Esta massa de guerra de diorito compacto, mal polido, encontrei no alto da serra do Piquiatuba, no rio Tapajós, entre a louça de barro de que está cheio o humus que a cobre.

8
8
9
9
10
10
16
16
11
11
11
12
12
14
16
16
13
13
13
14
1/3
14
15
1/3
15
15

## ESTAMPA III

FIG. 8.ª Enchó encontrada na mesma localidade, e feita da mesma rocha. É semilhante a uma enviada por M. Rafn, secretario da Real Sociedade dos Antiquarios do Norte, ao Museu Nacional, onde se vê na sala 9, armario n. 12. No Perú foi encontrada uma muito semilhante. (*)

FIG. 9. Pequeno machado de diorito que encontrei n'uma das praias do rio Uatumá.

FIG. 10. Machado encontrado tambem no rio Uatumá, na povoação de Sant'Anna. É de diorito polido e inteiramente semilhante a um que se achou na Inglaterra, quer nas fórmas, quer na rocha de que é feito. (**)

FIG. 11. Encontrei-o na tauaquera da ex-missão do Uatumá, entre innumeros fragmentes de louça, contemporanea da mesma missão. É de diorito polido.

FIG. 12. Este instrumento póde ser uma arma de guerra, ou de uso domestico, inclinando-me á primeira hypothese. Encontrei na praia de Sant'Anna do Uatumá. É de diorito polido em que pouco predomina a hornblenda. A maneira de servirem-se delle não pude saber.

FIG. 13. Representa um machado dos que empregavam para rachar a madeira. Quando subi o rio Yatapu, encontrei-o em uma praia. É de diorito polido e mostra uma alta antiguidade, pela decomposição que apresenta na sua superficie.

FIG. 14. É um dos machados usados com o cabo n. 2, da estampa 1.ª Encontrámol-o no rio Mauhes em uma extincta maloca. É de diorito polido.

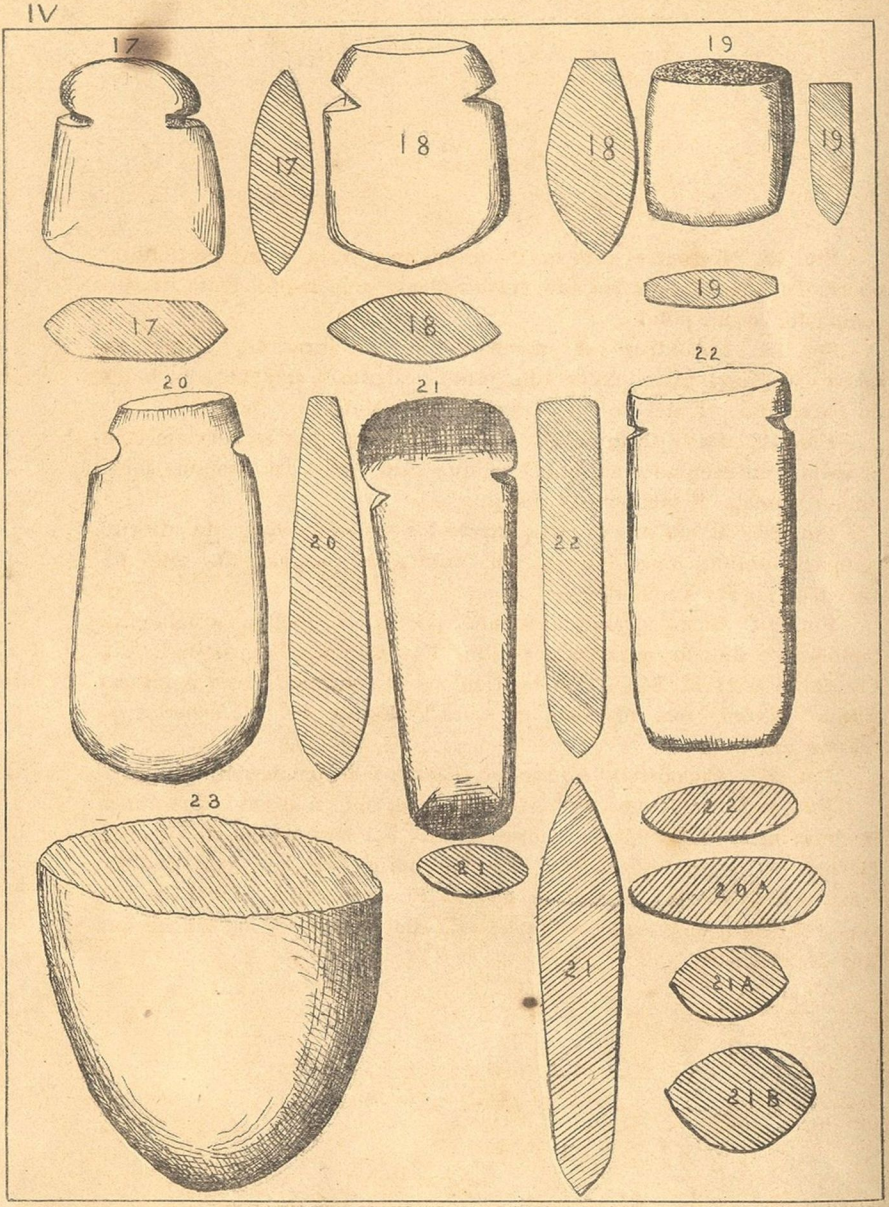
FIG. 15. Representa um machado de diorito polido, encontrado no Rio Yamundá.

FIG. 16. Encontrei este machado, enterrado em uma roça d'um sitio, pouco acima de Itaituba, no lugar denominado Paredão. É de diorito polido.

---

(*) *Exploration of the Amazon*, by Lwis Herdon and L. Gibbon. Pag. 70. Fig. 30.

(**) *De la place de l'homme dans la nature*, par Th. H. Huxley. Paris. 1868. Pag. 319.


17
17
18
18
19
19
19
17
18
22
20
21
20
21
22
22
23
22
20A
21
21A
21B

## ESTAMPA IV

Fig. 17. Encontrei este machado em uma praia, acima de Itaituba no rio Tapajós. Estava lascado verticalmente pelo meio. É de diorito compacto, muito polido.

Fig. 18, Encontrei este machado no rio Piracaná, acima da missão de Santa Cruz, enterrado, junto a alguns fragmentos de louça de barro lisa. É de diorito perfeitamente polido.

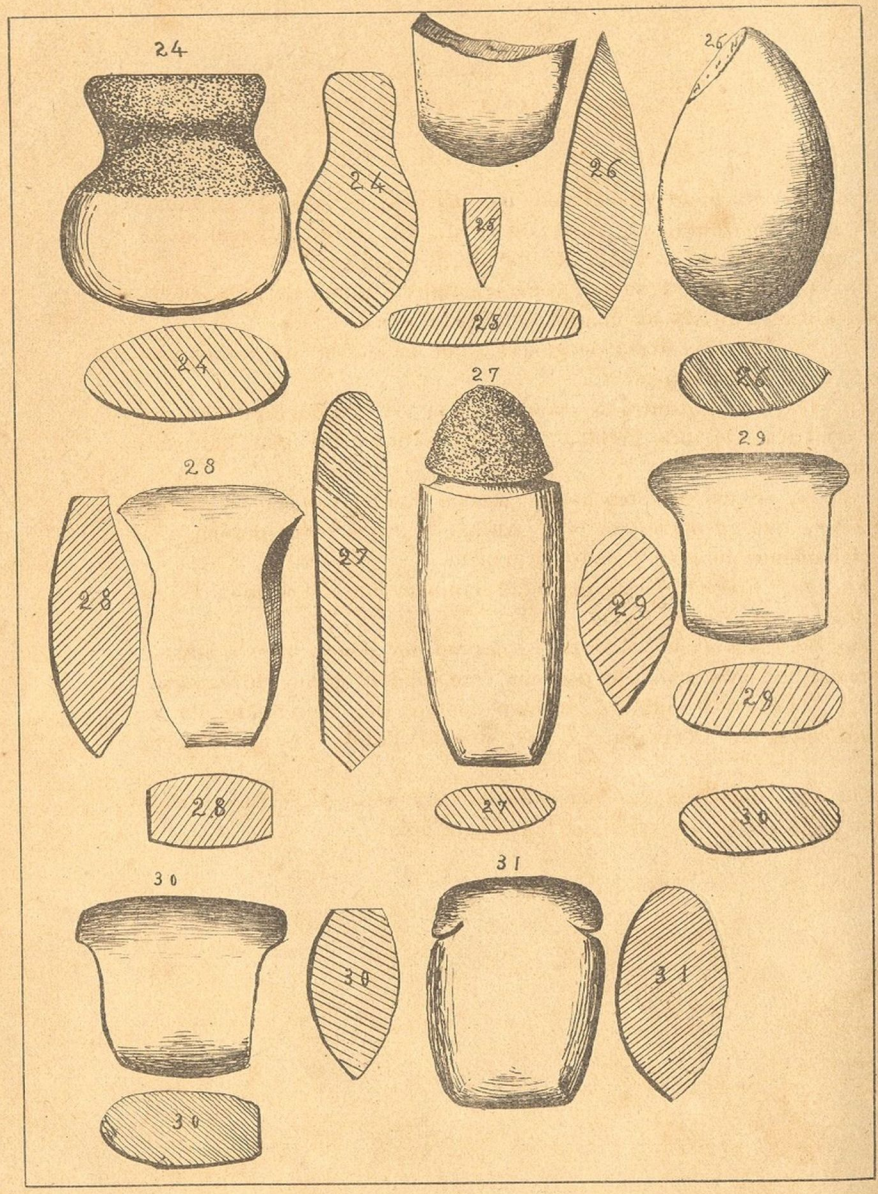
Fig. 19. Parte terminal de uma enchó, das que se serviam com o cabo, representado na fig. 7.ª, que desenterrei na mesma localidade acima. É tambem de diorito.

Fig. 20. É um dos grandes machados de derrubar, de diorito compacto polido, desenterrado por mim n'um pacoval, do sitio do Paredão, no rio Tapajós.

Fig. 21. Outro grande machado, porém, de rachar a madeira, tambem de diorito muito bem polido. Encontramol-o no mesmo sitio. Fig. 21 A e 21 B. São córtes horisontaes de machados, com a mesma fórma, porém, com diversas grossuras, do da fig. 21, achados na mesma localidade.

Fig. 22. Encontrado no mesmo sitio, e feito da mesma rocha.

Fig. 23. Fragmento do córte de um grande machado, que nunca mederia menos de $0^m,3$ de comprimento. Foi encontrado na ilha de Marajó, e foi-me offerecido por um amigo. É o maior que vi. Um, pouco menor, encontrei no rio Piracaná, que enviei em fins de 1872, para o Museu Nacional, por intermedio do governo e que ahi deve existir.


24
24
26
26
25
25
24
26
27
28
29
28
27
29
29
28
27
30
30
31
30
31
30

## ESTAMPA V

FIG. 24. Machado encontrado nas excavações que fiz na tauaquera das Amazonas, na costa do Parú. E' polido, á excepão da parte que prende-se ao cabo. E' de diorito compacto.

FIG. 25. É um fragmento, representando a ponta de uma enchó de syenito encontrada na mesma localidade acima.

FIG. 26. É uma arma de guerra, que encontrei na mesma paragem, feita de diorito polido.

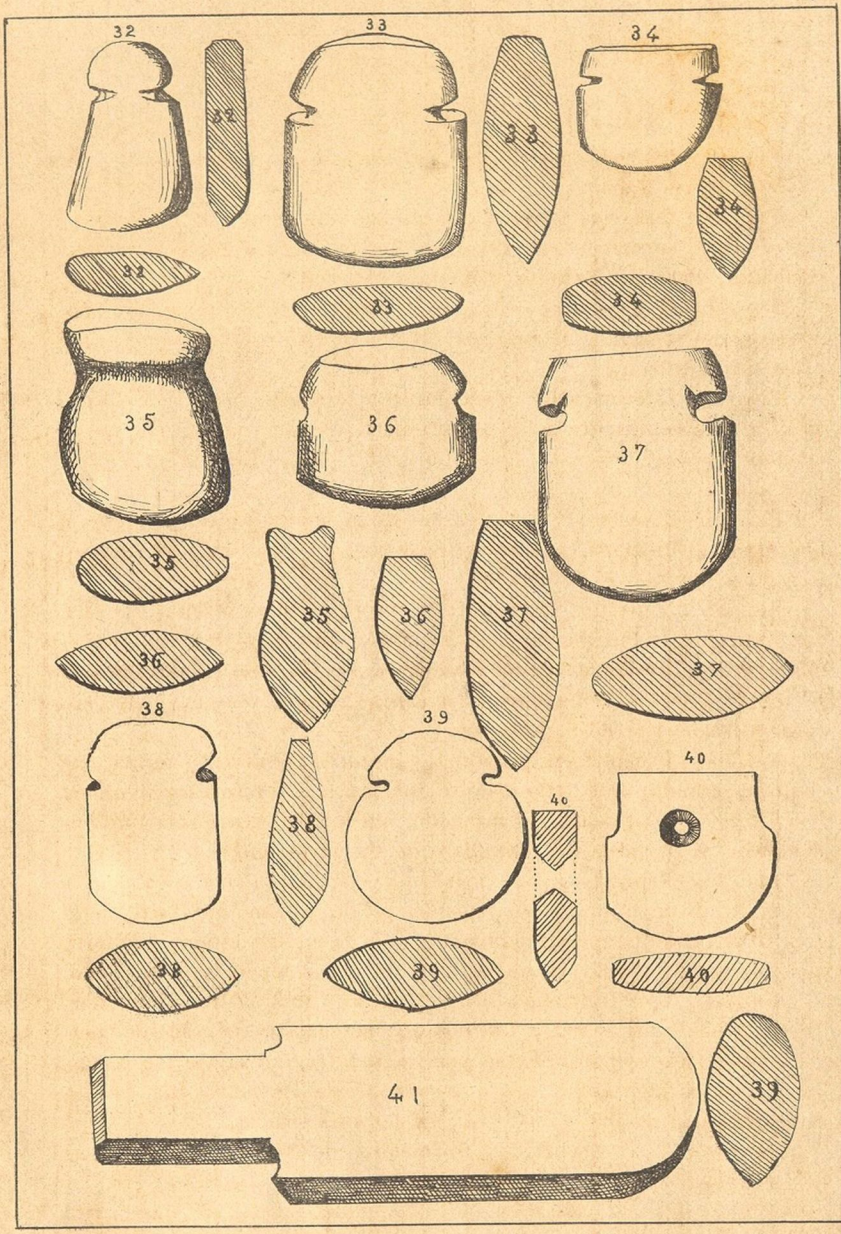
FIG 27. Foi encontrado tambem nas excavações que fiz na costa do Paru. É todo polido, á excepção da parte que entra no alvado do cabo.

FIG. 28. É um dos machados usados com o cabo n. 3, da estampa 1.ª, que encontrei no Rio Anibá. É bem feito, porém, não é perfeitamente polido. É feito de diorito.

FIG. 29. Encontrei este machado tambem no rio Anibá. É de diorito.

FIG. 30. Nas excavações que se faziam em Manáos para o aterro, foi encontrado este machado por um trabalhador, que o entregou ao director das obras publicas, o meu amigo Dr. Leovigildo de S. Coelho, que me offereceu. É de diorito polido, e muito bem feito.

FIG. 31. Encontrei este machado na tauaquera de S. Raymundo, no Rio Urubu. E' de trapp, perfeitamente polido.


32
32
33
33
34
34
31
33
34
35
36
37
35
35
36
37
36
37
38
39
40
38
40
38
39
40
41
39

## ESTAMPA VI

Fig. 32. Representa um pequeno machado, que desenterrei no Itapéua, no rio Tapajós ; é de diorito.

Fig. 33. Com esta fórma e dimensões, fabricados da mesma rocha (diorito), encontrei em diversos lugares do rio Tapajós, muitos machados, como em Itaituba, Itapéua e Piracaná.

Fig. 34. Este pequeno machado, naturalmente empregado no preparo de utensilios domesticos, é de diorito e encontrámol-o na praia de Itaituba,

Fig. 32. Este machado é um dos que se usava, preso com cerol, no cabo que representa a fig. 6.ª da est. I. Foi encontrado por mim, tambem no rio Piracaná. É de diorito e mostra uma grande antiguidade.

Fig. 36. A fórma e a dimensão deste machado é commum á Itaituba e ao Piracaná, pois quer n'um quer n'outro lugar foi desenterrado por mim. É de diorito.

Fig. 37. É um dos machados, de trapp, mais bem feito e polido que encontrei. Desenterrámol-o na base da serra da Taperinha, muito proximo ao monte de *Sernambis*, que ahi existe. Naturalmente pertenceu á mesma tribu que fez o mesmo monte, porque nelle encontrei fragmentos de rocha igual.

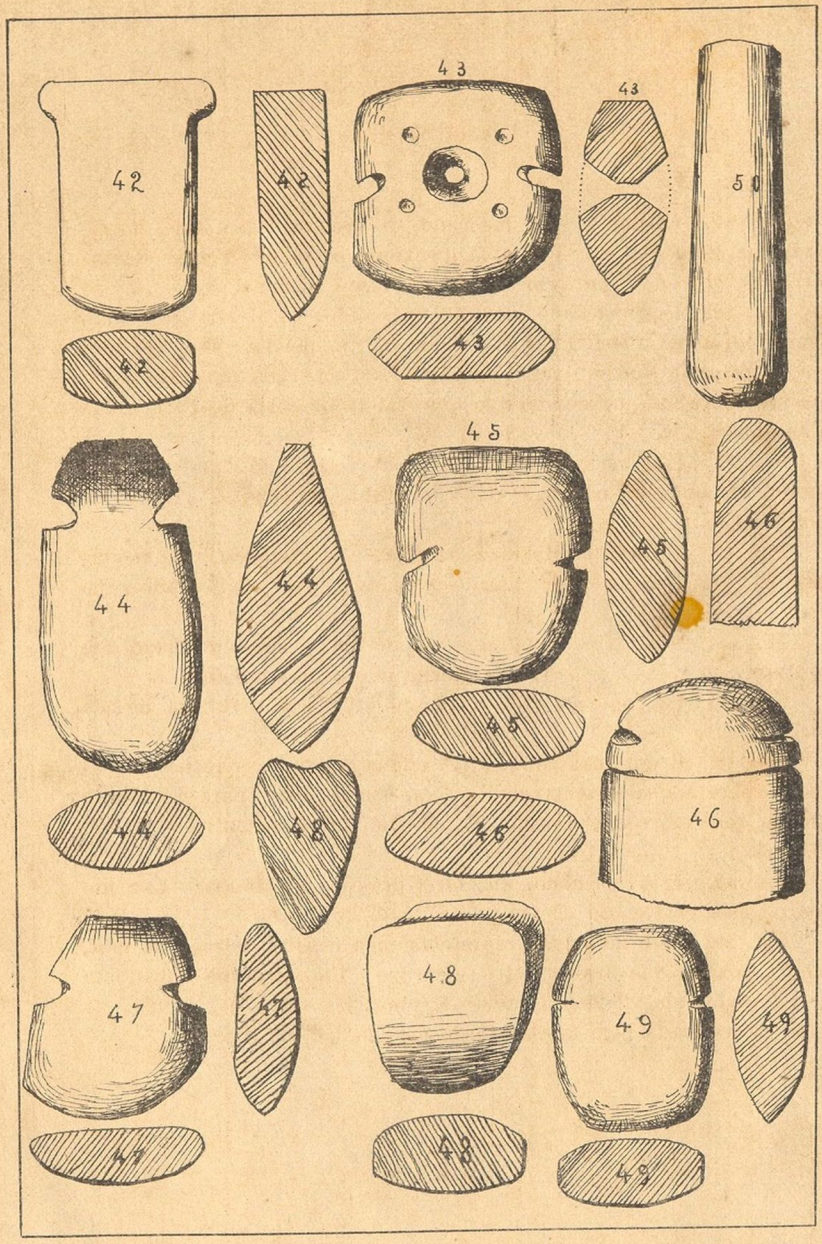
Fig. 38. Machado encontrado em Itaituba. Com esta fórma encontram-se muitos, medindo maiores dimensões. É a fórma mais vulgar.

Fig. 39. Representa um machado, unico com esta fórma que encontrrei. É da praia de Uixituba e de diorito polido.

Fig. 40. Representa um machado, empregado com o cabo n. 1 da est. I. É de trapp, perfeitamente polido e com um furo, feito com o berbequim representado na fig. 9.ª da mesma estampa. O furo, como se vê do córte vertical, é feito de um e depois do outro lado.

Fig. 41. Este instrumento, que parece uma pedra de amollar, cujo uso não pude saber, é um dos que nos mostra o gráo de perfeição da arte de então. É tão bem polido, as linhas são tão rectas, as curvas tão bem feitas, que qualquer artista de nossos dias não se envergonharia de ser o ser autor. É feito de schisto.

Desenterrei-o com alguns fragmentos de louça e machados na terra preta da Itapéua, no rio Tapajós.


42
42
42
43
43
43
50
44
44
44
45
45
45
46
46
46
47
47
47
48
48
48
49
49
49

## ESTAMPA VII

FIG. 42. Encontrei este machado, de syenito mal polido, no rio Uauinchá, affluente do Yamundá, proximo ao lugar d'onde desenterrei as *ygasáuas* que remetti para o Museu Nacional.

FIG. 48. Este machado, um dos encaixados no alvado do cabo, como representa a est. I, fig. 1.ª, é de diorito polido. Tem um furo que o trespassa e mais quatro principiados, em cada uma das faces. Foi-me offerecido por um tapuyo que habita na costa do Paru, onde o encontrou.

FIG. 44. Este machado, feito de diorito compacto, perfeitamente polido, encontrei-o na serra do Piquiatuba, proximo á cidade de Santarém.

FIG. 45. Pela fórma distingue-se bem este machado, que encontrei no Rio Negro. É de diorito e parece que applicavam-o no preparo da madeira.

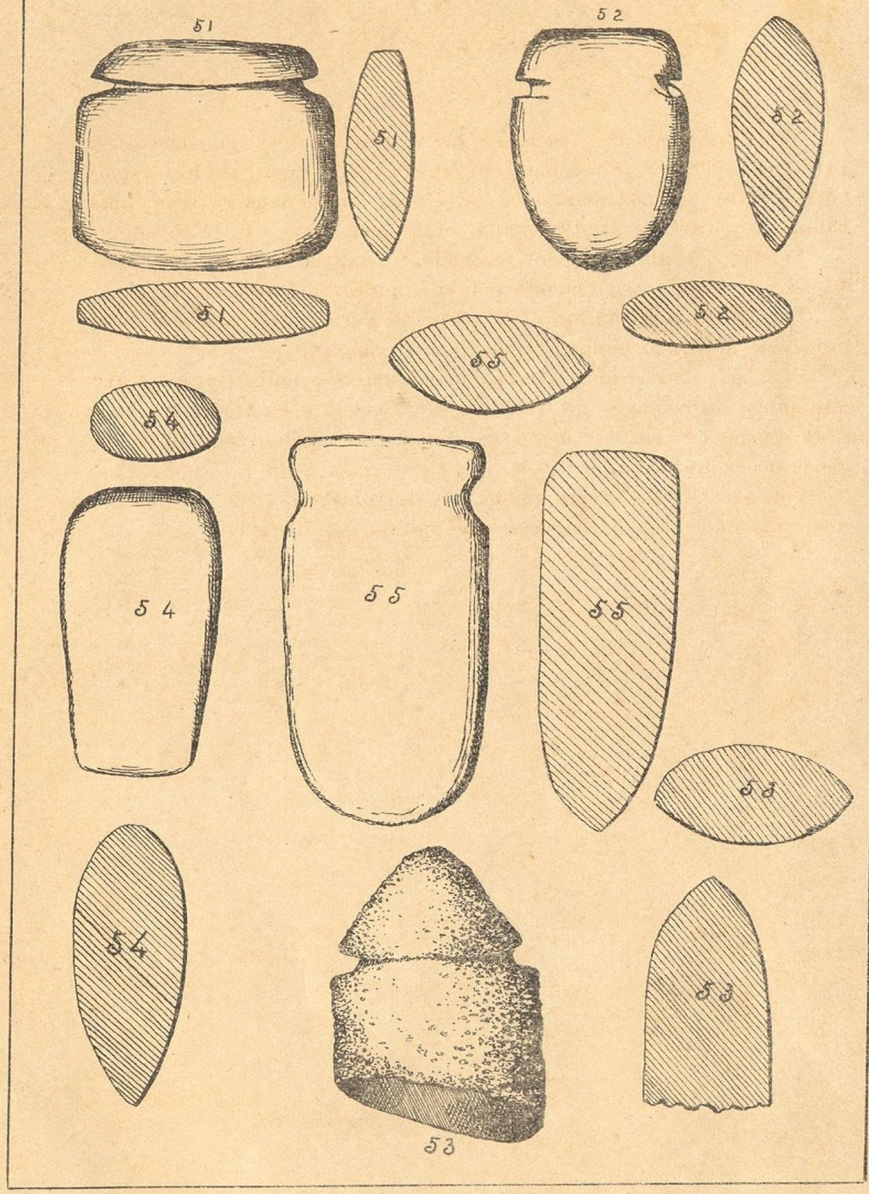
FIG. 46. Representa um fragmento de um grande machado que encontrei no Rio Tapajós. É de diorito muito bem polido.

FIG. 47. Foi encontrado no mesmo rio, e é feito da mesma rocha

FIG. 48. É uma das cunhas que empregavam para rachar a madeira, sobre a qual assentavam uma especie de cabo para receber o choque que sobre ella davam. É de diorito e encontrei-a no rio Uatumá.

FIG. 49. Este machado, encontrei proximo a Itaituba. Está um pouco gasto pela acção do tempo. E' feito de diorito.

FIG. 50. Este monolitho representa uma especie de mão de gral, julgo, porém, que tinha outro emprego. Encontrei na tauaquera de S. Raymundo, no Rio Urubu. É uma das reliquias, talvez, da tribu esterminada pelo capitão Costa Favella. E' de diorito.


51
51
51
52
52
52
55
54
54
55
55
54
54
53
53

## ESTAMPA VIII

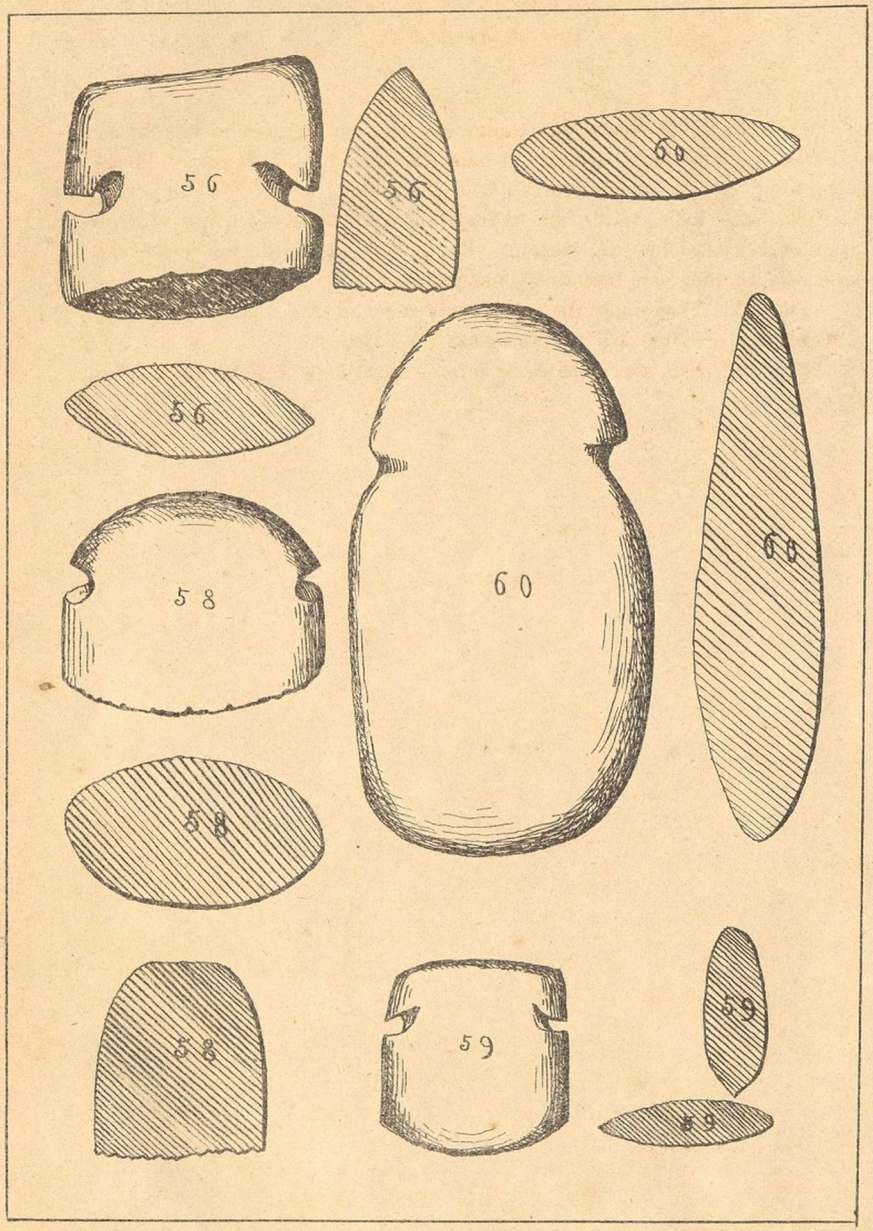
FIG. 51. É um dos machados mais caracteristicos que encontrei pela sua espessura. Foi achado no lago Yuquery-assú, no Rio Trombetas, entre alguns fragmentos de louça, onde deparei com uma cabeça de jacaré de argilla cozida, muito bem feita. É de diorito.

FIG. 52. Ainda é um dos machados encontrados em S. Raymundo. É de trapp perfeitamente polido e muito bem talhado.

FIG. 53. Foi encontrado no costa do Paru e está muito deteriorado pela acção do tempo. É de diorito compacto.

FIG. 54. Parece uma cunha, mas querem alguns tapuyos que seja antes um machado de trabalhar á mão, sem o emprego do cabo. É de diorito, e encontrámol-o na cidade de Obidos, nas proximidades do cemiterio publico.

FIG. 55. Machado empregado nas derrubadas, feito de diorito e encontrado no rio Trombetas, proximo do lago Batata.


56
56
60
56
60
58
60
58
58
59
59
59

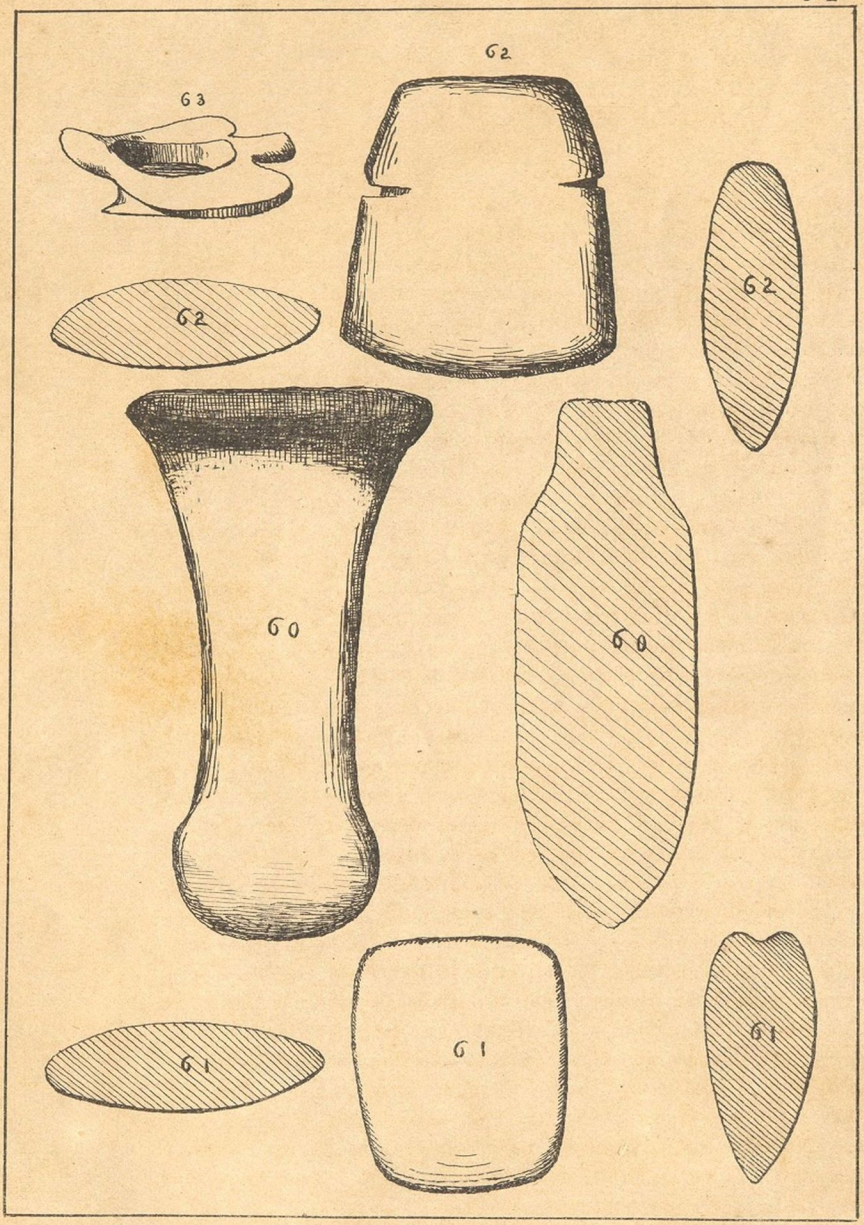
## ESTAMPA IX

Fig. 56. Representa um fragmento de um grande machado, de diorito perfeitamente polido e bem trabalhado. Tem uma fórma elegante. Encontrei tambem no Rio Trombetas.

Fig. 57. Este grande machado, é um dos encontrados nos aterros sepulchraes da ilha de Marajó. É de diorito compacto, e, se bem que seja polido, não tem as fórmas regulares.

Fig. 58. Fragmento de um grande machado de diorito compacto, encontrado proximo ao Rio Piracaná, no Tapajós.

Fig. 59. Este machado é da mesma localidade e feito de diorito.


62
63
62
62
60
60
61
61
61

## ESTAMPA X

FIG. 60. Este machado, unico que encontrei no Rio Capim, é de diorito e parece ser uma das reliquias da briosa tribu Tupynambá. Já gasto um pouco pelo tempo, apresenta comtudo fórmas inteiramente differentes de todos que estudei. É de diorito.

FIG. 61. É uma outra cunha das empregadas com cabo. Encontramol-a no rio Tapajós e é feita de sienito.

FIG. 62. Um dos machados cuja fórma, parece indicar que só era empregado no falquejo da madeira. É de diorito e encontramol-o na tauaquera de S. Pedro Nolasco, no rio Urubú, dentro do recinto das ruinas do extincto forte que ahi existiu.

FIG. 63. Devo a um amigo, a acquisição d'este utensilio, encontrado na ilha de Marajó, n'um dos aterros sepulchraes. Affecta a fórma de uma ave, com as azas abertas, tendo o dorso artisticamente excavado, não para servir de *vaso de perfumes*, mas para guardar algumas miudezas das mulheres. Mais de uma razão me leva á assim pensar. Em primeiro lugar, o unico ponto do valle do Amazonas onde se encontram estes objectos é na ilha de Marajó, onde sómente, ainda hoje são fabricados. Na freguezia de Breves, as mulheres fabricam de barro cozido e pintado de côres, objectos como estes, que não só usam para guardar joias, agulhas, alfinetes, linhas, etc., como exportam para o mesmo fim, de maneira que é raro entrar-se n'uma casa de tapuyos sem se encontrar estes objectos. Em Cametá consta-me, que por imitação tambem os fazem. Em segundo lugar, se outr'ora houvesse perfumes que se guardassem em vasos, ainda hoje deviam existir, conservados pela tradicção como são ainda conservados outros usos antigos. É verdade que o povo indigena usa de muitos perfumes, porém, todos são extrahidos de vegetaes, que preparam com agua no momento em que d'elles se querem servir, e nunca guardam. Os perfumes empregados são para a cabeça e mesmo para o corpo, pelo que torna-se necessario uma grande vazilha, que geralmente é uma cuia. Outros perfumes usam, como oleos, porém, para estes o vaso é improprio. Por estes motivos, julgo, que os antigos Nheengaibas, serviam-se d'esses vasos para guardar os seus pequenos objectos preciosos. É de diorito compacto e a figura representa uma sexta parte do natural.

Aquillo Bittencourt

Rio, 1º-12-1919.

# ANTIGUIDADES DO AMAZONAS

(Arte ceramica)

## ARTE CERAMICA

## II

## Arte ceramica

Logo depois das armas e instrumentos de pedra, o que se apresenta, quando se revolve a terra, onde gerações extinctas tinham levantado suas vivendas, são os fragmentos da louça de barro.

O indifferente passa, o curioso examina-os, mas despreza-os, o vulgo lança-os ao rio, porque não lhes acha prestimo, admirando-se, entretanto todos, de vêr alguem com cuidado, com animo e paciencia colher, um por um, todos esses fragmentos e guardal-os como se fôra um thesouro. E' que para esse, para o archeologo, o fragmento mais pequeno é uma preciosidade, ás vezes, chave para uma descoberta importante.

Com effeito, quem com cuidado examinar os restos da louça dos selvagens de outr'ora, ha de encontrar tanta arte no fabrico da mesma, tanta correcção nos desenhos de suas gravuras ou pinturas phantasticas, que não deixará de reconhecer que aquelle povo de então estava n'um gráo de civilisação mais alto do que o da que possue hoje, não já o gentio, o selvagem, mas o tapuyo civilisado.

Se nas armas e instrumentos de pedra, nota-se a paciencia e o tempo que era preciso empregar para chegarem á aperfeiçoar qualquer d'estes instrumentos, na louça depara-se com um espirito creador, guiado pela phantasia, imprimindo na mão do artista ás vezes uma firmeza digna de inveja. É que a liberdade permittia o emprego do tempo com a arte e com a industria. Se a luta ás vezes occupava os guerreiros, sobrava comtudo tempo para as matronas e as donzellas, prepararem os *camutys* para o *cachiry* e o *tarubá*, com que eram recebidos os victoriosos, e as *igasáuas*, onde se recolhiam os ossos dos infelizes mortos nas batalhas.

Orgulhosas, com suas mãos talvez distribuissem aos valentes as bebidas enebriantes, emquanto uns dansavam e outros cantavam a *paranduba* de suas proezas, cheios de si por suppôrem extinctos os inimigos que pisavam o solo livre que os vio nascer.

Que a liberdade protegia a industria é fóra de duvida ; comnosco tambem assim pensa o ethnologo americano Carlos Reau, (*) quando assim se exprime:

« In former times, when the aboriginal inhabitants of this country were still in possesion of their own lands, and their mode of living had not been changed by the intrusion of the pale-faced Caucasian, the art of pottery was practised by them to a considerable extent. »

A escolha e o preparo da argilla se já denota um estado mais culto do que o da infancia de um povo, o desenho da gravura e da pintura de seus utensilios, serve de cadinho para aquilatar o gráo de adianta-

(*) *Annual report of the Smithsonion institution.* 1867, *Indian pottery*, Pag. 346.

mento á que tem attingido. A comparação, quer do emprego de certa qualidade de argilla, quer da gravura, ou da pintura da louça de então, com a fabricada hoje, nos dá uma triste idéa, não só da intelligencia, como do estado decadente do infeliz tapuyo. Escravisado, a familia desmoralisada, educado com principios viciosos, o filho do selvagem, só vive para o patrão, d'elle é seu trabalho, d'elle seu suor, e d'elle todos os passos de sua vida. Como empregar a intelligencia, como ser artista, se desde os verdes annos, vive n'uma athmosphera pervertida, onde a embriaguez impera, para facilitar o commercio d'aquelle que o educa.

Se no estado civilisado, o indio decahio, por estas causas, como não encontrar-se no gentio, que vive nas selvas, a civilisação extincta, perpetuada por herança e tradicção?

Já disse no capitulo anterior, que quando desceu o Amazonas o Padre Acunã, com o Capitão Pedro Teixeira, ainda encontrou uma civilisação adiantada, quando comparada com a de hoje, e que despapareceu com a entrada dos *capitães de bandeira* pelas aguas do soberano dos rios. As ciladas, a escravidão, as *caiçaras*, o ferro e o fogo, que empregavam os colonos portuguezes, satisfazendo á sua cega ambição, contribuio para a dispersão das tribus, que subdivididas, nomadas, aterrorisadas, só procuravam vingança, despertando-se-lhes um odio contra os *cariuas* (brancos) que passando de raça em raça chegou até nossos dias, com o desprezo do trabalho, legado por aquelles que não mais poderam trabalhar, porque pouco era o tempo para fugir dos invasores. A falta de trabalho trouxe a ociosidade, que foi legada por aquelles que tanto se destinguiram na arte ceramica. A maior parte dos gentios

de hoje são descendentes de tribus outr'ora catechisadas.

Em apoio do que avanço, deixo fallar um missionario consciencioso e insuspeito o padre João Daniel, que viveu no Amazonas mais de 18 annos. Tratando das tropas de resgate autorisadas pelos *Fidelissimos* Reis de Portugal diz :

« Se transportavam á cidade, onde se vendiam em publica praça, e o preço se lançava no thesouro, assim para as despezas da tropa, etc., etc. » (*)

Eram estes *escravos* os gentios encontrados prisioneiros de guerra por outros, e que tinham como taes de ser mortos pelos vencedores. As tropas de resgate tirava-lhes a morte gloriosa do guerreiro, para dar-lhes em troca os ignominiosos ferros da escravidão. Quantos não imitaram Catão !

Se por um lado o governo autorisando, contribuia para a dispersão do povo indigena, por outro, as bandeiras acabavam a obra, póde-se dizer de exterminio.

« Começou logo a ambição a reinar (**) nos brancos e com a capa da Tropa de resgates para os miseraveis encurralados se estendiam aos livres, e a quantos podiam haver; umas vezes induzindo aos Regulos a darem assaltos uns aos outros e apanharem os que podessem para os entregar aos brancos: outras vezes induziam aos mesmos Regulos a venderem os seus vassallos. E muitas vezes davam de repente os mesmos brancos nas povoações, e como n'ellas moram os Tapuyas muitos juntos em cada casa, as cercavam, e entravam logo dentro, onde amarravam quantos achavam e conduzindo-os ao arrayal affirmavam ser dos encurralados, para o que não lhes faltavam testemunhas falsas e desta sorte captivavam innumeraveis. Uma das leis destes resgates, determinava que só fosse em certo districto : porém,

(*) *Maximo thesouro descoberto no Rio Amazonas. Rev. do Inst. Hist. Braz.* Tom. II. Pag. 469.

(**) Obra e pags. citadas.

não se dando por satisfeitos, não só sahiam fóra dos limites, mas não havia rio em que não entrassem, nem povoação que não assaltassem; e quantos cada um podia maneatar, tantos contava por seus escravos, etc., etc. »

Ainda hoje reina a escravidão no Valle do Amazonas; ainda se vende o indio, e o tapuyo. A escriptura da venda tacita, é um titulo de devida. Não ha quem não deva; um criança de dous annos já deve ao patrão, ás vezes oitocentos mil reis. Parece incrivel, mas é a pura verdade. Infelizmente esta desmoralisação introduzida pelo regatão, já echôa na Europa, já um estrangeiro observador escreveu o seguinte, em uma nota:

« *Regatão*, derived from « resgatar » to *liberate* the prisioners of war of the indians, whose lives were forfeited. On this pretext the Regatões, at the same time the pedlars of those regions, not only kept up a very flourishing and lucrative slave trade, but they practised all sorts of cruelties and crimes in the huts of the savage and half-civilised inhabitants of these countries. On several occasions Liberal deputies have warmly spoken, in the Chambers at Rio de Janeiro against this inescusable abuse, which still continues, though on a minor scale; but in vain. The distances are too great, and the political influence of the interested parties is too powerful for a successful persecution of the criminals in these out-of-the-way places. To this day Portuguese merchants keep, on the borders of the Japurá, Purus, Teffé, etc., a great number of aboriginal families in such degree of dependence that it differs from real slavery only by the circunstance that their masters wisely refrain from selling such useful domestic animals ! » (*)

Foi assim que despoyoaram o antigo *reino do Urubu*, hoje o deserto e desconhecido rio d'este nome

(*) *The Amazon and Madeira rivers*, by Franz Keller. London. 1874. Pag. 28.

onde de uma só vez mataram 700, captivaram 400 indios e incendiaram 300 malocas. (*)

Da louça destes desgraçados, que pagaram com a vida e a escravidão a morte que fizeram no Sargento mór Antonio Arnaud Villela, mais adiante tratarei.

A matança do rio Urubu em 1664, é uma das provas, de que a decadencia da população indigena, data do descobrimento d'este solo.

Então a população d'este rio e a sua industria era tal, que era conhecido como *Reino do Urubu.*

A civilisação estendia-se desde a America septentrional até a meridional, provada pelos monumentos dos Estados-Unidos, Mexico e Perú. Tractando da louça de barro do Perú e Guatemala, em uma nota aos commentarios, do Popol Vuh, diz o autor das *Ruinas de Palenqué*, que como arte ceramica é superior á do Egypto e da Etruria.

A' pags. CLXVI dos mesmos *Commentarios*, diz ainda, que a louça das nações da Florida são « de um notavel preparo, d'uma riqueza de côres e de fórmas igualmente admiraveis. »

Com effeito comparadas, tambem a louça que a voracidade do tempo respeitou enterrada, com a dos povos da antiguidade e do mundo antigo, vê-se que não só ficavam muito aquem, como muita semelhança existe não só nas formas como nos desenhos ornamentaes.

Não farei a historia da arte ceramica, darei apenas noticia da que examinei nas minhas explorações, fazendo as considerações que entender necessarias.

---

(*) Vide *Explor.* e *Est. do Valle do Amazonas. Rios Urubu* e *Yatapu*, Rio de Janeiro. 1875. Pags. 6—7 e *Compendio das eras de Baena*. Pags. 115.

A louça antiga que se encontra soterrada, é representada por utensilios domesticos e pelas urnas mortuarias *(ygassauas)* (*).

Pela quantidade de fragmentos que se encontra, vê-se que essa industria não só occupava muita gente, como era muito apreciada, o que denota tambem o capricho dos arabescos com que ornavam o mais insignificante objecto. Entretanto era essa industria exclusiva das mulheres, como nos prova a historia, a tradição indigena, e o costume ainda hoje seguido em todo o valle do Amazonas. Sempre vi a mulher occupada n'esse labor, que é deshonroso para o homem, segundo dizem.

Em toda a America, foi sempre a mulher a oleira, como poderiamos provar, soccorrendo-nos de diversos autores.

Oleira d'outras eras, por tradicção, é ainda a mulher que nas horas de descanço, emprega-se n'essa industria.

Como hoje, então devia haver artistas mais perfeitos, que se occupassem no fabrico da louça, e tivessem mesmo esta industria como meio de commercio. Sendo geralmente a louça feita por cada um para seu uso particular, não havendo fabricas, com tudo ha familias cujas mulheres só n'isso se occupam para trocar a louça por outros generos, com as mais preguiçosas. Outr'ora julgo que se dava a mesma cousa; porque, nas terras pretas, signal sempre ou de roça ou de aldeia, onde se encontram centenas de fragmen-

---

(*) Corruptella de *iucáçaua*, do verbo *iúcá*, matar com a terminação verbal *áua*, *abá* de Anchieta que faz *çáua* ou *çaba*, por terminar o verbo em vogal; significa o lugar onde se mata, ou se enterra um morto e as vezes o instrumento.

tos dispersos por largas extensões, apparece sempre um ponto onde a acumulação de fragmentos é tal que denota o lugar em que havia a fabrica. Os restos que se encontram, não são só os da louça quebrada em uso, são principalmente os da que se quebrava no processo da queima.

Estes fragmentos, estudados com attenção, apresentam diversas fórmas de panellas, de alquidares, e de potes *(camotys)* com fórmas muito correctas. Entre esta louça, encontram-se tambem muitas figuras, quer humanas quer de animaes, que serviam para os brincos das crianças e não representam idolos, como alguns querem. Para provar que serviam de brinquedo, basta dizer que achei entre estas figuras, tambem diversas panellinhas, que tinham o mesmo fim.

Ainda hoje, as tapuyos, quando fabricam a sua louça sempre fazem algumas figuras, com que presenteam aos *curumis*, (*) que as rodeiam.

Os *mundurucús*, fazem, não de barro mas dos foliolos de palmeiras, uma grande variedade de brinquedos muito engenhosos para seus filhos, como vi.

Esta louça é ornamentada por gravuras e por pinturas. Quer n'um ou n'outro processo nota-se que os desenhos são quasi sempre compostos de linhas mais ou menos rectas e curvas ou quebradas que pela combinação apresentam desenhos não só trabalhosos, como filhos de uma intelligencia creadora e esclarecida.

Antes de tratar do modo porque gravavam, pintavam e ornavam seus vasos, convêm dar não só o processo empregado na factura d'elles, como da materia prima que empregavam.

(*) Meninos.

Era esta a argilla, hoje conhecida por *tabatinga*, (*) que como melhor era a preferida. Com este nome, ha comtudo no Amazonas diversas qualidades, umas mais ou menos inferiores, alem das conhecidas por *tauá piranga*, *tauá juba*, que não tem emprego na olaria. Hoje o tapuyo procura tambem a tabatinga, mas como não capricha na obra que faz, apanha onde a encontra sem fazer muito caso da qualidade; d'ahi a inferioridade de sua louça. Empregavam a tabatinga pura ou misturada com o pó da pedra-pomes, que desce do Perú, pelas aguas do Amazonas, as cinzas do *cauichy* (**), ou as das escamas do *pirarucu*, *(Sudas gigas)* as do casco das tartarugas, dando-se hoje preferencia as da casca do *caraipé (Moquilea utilis)*. Estas cinzas reduzidas á pó impalpavel e amassada com argilla, tem por fim evitar que se arrebente a louça na occasião da queima, e faz consistencia, para não se tornar muito porosa.

A mistura d'outras substancias á argilla, para não tornal-a quebradiça ao fogo ou mesmo ao sol, não é exclusiva do Amazonas; é conhecida desde épocas immemoriaes. Já Pharáo, não querendo deixar sahir o povo de Israel do Egypto, ordenando aos prefeitos de suas obras, disse:

« Não torneis a dar palha, como antes, á este povo para fazer tijollo, sejam elles mesmos os que ajuntem a palha. » (***)

Este systema da olaria primitiva, foi empregado pelos portuguezes, nas obras da edificação da cidade

(*) Corruptella de *tauá* argilla e *tinga* branca.

(**) Uma especie de esponja d'agua doce, que cresce nos páos que durante a enchente vão ao fundo. As cinzas contem muitas particulas silicosas.

(***) Exodo. Cap. V. ver. 7.

e dos fortes, conhecida por *taipa de pilão*. São os *adobos*, que nas provincias de Minas e S. Paulo, ainda hoje em algumas localidades usam. A substancia que entra no preparo da argilla depende sempre do character mineralogico da localidade onde habita o povo ou a tribu. Assim, empregavam na Europa a areia, o carbonato de cal, scorias volcanicas, e o amyantho, que tambem era empregado nos vasos chinezes.

Na America do Norte, geralmente a louça antiga encontrada é feita de argilla, misturada com cinzas de conchas, como nos referem diversos viajantes e exploradores.

Do conhecimento da boa argilla e da substancia empregada na mistura, depende a boa qualidade da louça, que a de então levava a palma. No amassamento e na intima ligação da substancia á argilla, consistem a sua delicadeza e duração. Na finura do grão e no peso, sobresahe a antiga louça. Encontrei fragmentos seccos ao sol, que chegavam, lançados n'agua a fluctuar, como a louça dos antigos gregos.

A louça moderna além de muito pesada não tem o grão tão fino, e o motivo da sua inferioridade está no ser mal escolhida e amassada a argilla e na substancia empregada, que não prestando-se a reduzir-se a pó impalpavel, pouco se liga e é muito mais pesada do que a empregada outr'ora, que como vimos eram as cinzas do *cauichy* e as das escamas do pirarucu e ás vezes mesmo o pó da pedra pomes, ou o da louça queimada.

A tabatinga que não é mais do que finas particulas de feldspatho decomposto, misturadas com mais ou menos silica, torna-se preferivel conforme a maior ou menor porcentagem que tem, d'estas substancias.

A boa tabatinga, que se encontra nas terras de

aluvião do Amazonas, servia pois, para as oleiras de então, fabricarem os seus utensilios, que passaram até nós, para vingar a injustiça que se lhes faz, dando-se-lhes uma intelligencia pouco acima do instincto do animal.

Oleiras do passado, artistas d'outras eras, ainda não tivestes nos vossos descendentes, filhos da civilisação, quem imitasse as obras que sem modelo, bem acabadas sahiram de vossas mãos!

O processo que empregavam no fabrico da louça é ainda o mesmo, que a tradicção trouxe até aos tapuyos. (*) Toda ella era fabricada a mão, com o auxilio de alguns instrumentos sahidos da natureza.

Estes instrumentos, são : a *cuipéua*, a *itapuquity*, alguns espinhos de tucumá, (*Astrocaryum tucuma*, Mart.) dentes de cutia, e pequenos canudos de taquara.

A artista trabalha assentada no chão, ou em um pequeno tamborete, porque todo o processo é feito no chão ou sobre algum banco. Tive occasião, de vêr fabricar diversas peças de louça, em muitos lugares do Valle do Amazonas, e nunca vi trabalhar-se senão no chão.

Em todas os *tejupares* (**) de tapuyos vê-se sempre grandes bolas de argilla de 2 a 3 decimetros de diametro, que são as provisões para quando falte a louça.

Quando querem fazer qualquer peça, tomam uma d'estas bolas e depois de molhada, amassam-a bem,

---

(*) Conhecem a boa argilla, provando-a ; se tem um sabor azedo, como dizem, é a de melhor qualidade. Quando não tem mistura de areia, é esta a preferida.

(**) Corruptella de *Teyi*, gentalha, e *upab*, pousio, morada. E' a *oca*, miseravel, fóra da maloca.

dentro de uma vazilha, que commumente é um casco de tartaruga (*Podocnemis expansa*). Depois de bem amassada, misturam o pó do carvão da casca do *caraipé*, tornando a amassar-se até ligar-se bem este pó com a argilla.

Preparada assim a massa, tomam uma porção correspondente á precisa para o tamanho do fundo do vaso que pretendem fazer e assentando sobre uma fôrma para o fundo, estendem por compressão a massa sobre ella, até darem o tamanho preciso.

Esta fôrma, os mais civilisados fazem de madeira, mas em geral é d'uma porção do casco da tartaruga que cortada circularmente, offerece uma dupla vantagem; a da fórma semi-concava, onde estendem a argilla, que dá assim uma concavidade ao fundo do vaso, e a da facilidade que apresenta em girar sobre a face exterior ou convexa, que facilita o trabalho. Geralmente passam areia fina sobre ella para não ligar-se á argilla. Preparado por compressão o fundo, fazem uma especie de corda ou torcida de argilla, do comprimento pouco mais ou menos da circumferencia do vaso, com um diametro proporcional á grossura que querem dar ao objecto, e unindo esta especie de corda ao fundo, com os dedos da mão esquerda vão ligando a massa, emquanto com a direita seguram a corda e imprimem á fôrma um movimento giratorio da direita para a esquerda, á medida que a parte lateral vai se levantando. D'este modo, sobrepondo e ligando, as cordas de argilla, vão levantando os lados, que, segundo o diametro que querem, apertam ou alargam mais a dita corda. Trabalham pela parte interna os quatro dedos da mão esquerda, e pela externa o polegar, que de vez em quando são molhados para melhor alisar e não pegar na argilla.

Terminada assim uma volta, tomam a *cuipéua*, (*) que é uma concha ou geralmente um pedaço de cuia arredondado, e, molhado n'agua alisam as saliencias que deixam os dedos quer pela parte interna quer externa. Assim, levantando os lados e alizando chegam a concluir o vaso. Quando este tem de apresentar a parte superior abobadada, diminuindo a corda de argilla, trabalham com os quatro dedos da mão esquerda voltados para cima, e com os da direita vão ligando a argilla, servindo os da esquerda de amparo. Terminado o vaso, deitam-o á sombra a seccar por espaço de 2 ou 3 dias e quando está quasi secco, servem-se então do *itapuquety*. (**)

. Tem este nome um pequeno seixo rolado, ou um caroço de *inajá* (*Maximiliana regia*, Mart.) com que alisam o vaso, dando-lhe algum lustre, antes de ser queimado. Se o vaso é liso, está assim prompto para ir para o fogo e depois servir; mas, se querem ornado, soffre então ainda outro processo.

Já disse que por dous modos ornavam os seus vasos: por gravura, ou pela pintura. Hoje, porém, este uso decahio, só apparece alguma louça, pintada extraordinariamente com diversas côres; fabricada pelos civilisados de Breves e Cametá. Os indios Cautanichis do Purus, são os unicos que pintam ainda sua louça. Conforme o ornato feito por gravura, assim eram os instrumentos empregados.

As bordas dentadas eram feitas comprimindo-se a argilla entre o dedo polegar e indicador, como ainda hoje se usa, ou comprimindo-se a argilla com um canudinho de taboca. Com os espinhos de tucumá,

(*) *Cui*, cuia e *péua* chata.

(**) *Itá* pedra, *puquity* esfregar.

faziam a gravura chamada *tamuatá pirêra*, isto é, em fórma de escama; com os dentes de cutia ligados a um osso, (Est. I, fig. I.) geralmente de macaco, faziam as outras gravuras. Além da gravura de pontilhado e de linhas, ornavam sua louça com figuras de animaes ou humanos que eram feitas fóra e depois ligadas. Faziam tambem circulos, que eram feitos pelo córte horizontal dos canudos de taboca. Empregavam tambem um pontalete de madeira, ou talvez antes de osso para os furos com que tambem ornavam as diversas peças e faziam os olhos e ouvidos de suas figuras.

Ainda com a louça fresca, faziam tambem ornatos, feitos pela compressão de tecidos de palha de palmeiras ou de *arumã*, que variavam como variam os mesmos tecidos.

Todos estes desenhos pedem não só muito cuidado como paciencia e um estudo particular para que as figuras terminem sempre simetricamente, a ponto de não se saber o lugar em que foi começado.

No desenho de linhas, a sua combinação ás vezes imita os tecidos de palha, pelo que dão-lhes diversos nomes, alem do *tamuatá pirera*, ha a *miasáua*, que é o cruzamento das linhas obliquamente formando quadrados. Nos tecidos de palha das *tupés* (esteira) de miasáua formam o *japá*, que serve de porta aos tejupares, ou de tolda ás *igarités* (*) no cruzamento das linhas do tamuatá pirera, o ponto central onde se dividem as linhas é chamado *pacú* (**), e quando

---

(*) *Igara*, canôa, e *eté*, verdadeira.

(**) Por assemelhar-se á divisão das escamas do peixe d'este nome.

faz alguma volta esta é chamada *curuary*. Um dos desenhos faceis, é o *tapururapé* (*), que é uma linha quebrada em zig-zags, é o mais usado, seguindo-se logo o *acutyranha* (**) que é o mais facil e o mais simples, pois affecta a fórma de dous apostrophes unidos. O *saracura pepóra* (***) é de bonito effeito, mas pouco usado; n'este caso está o *muruichâua apecá* (****) que pela difficuldade de fazer-se por meio de linhas, sempre é feito pela compressão do tecido, que é sempre ou de *uarumá* ou de *iacytara* e empregado nas *urupemas*, (*****) e nos *tipitys* (******). E' semelhante ao tecido do assento das nossas cadeiras.

Quanto á pintura, era empregada, como ainda hoje, depois da louça lisa pelo itapuqueté, antes de ir para o fogo. As tintas empregadas são o gesso, que tambem chamam tauatinga, o urucú (bixa orellhana), o carajurú, (bignomia chica), a oca, *tauá juba*, e algumas tintas que fabricam de seivas vegetaes, e tomam a côr preta, expostas ás evaparações ammoniacaes da ourina, como o *cumaty* ou em contacto com as particulas ferruginosas, que contém a terra como a *aryuauá* (qualca). Alguns misturam o leite da sorva (callophoratino) na tinta, para a tornar mais brilhante e segura, como fazem ainda os Catanichys e como faziam os habitantes de Marajó. A pintura

---

(*) *Tapuri*, bicho e *apé* caminho.

(**) *Acuty*, cutia e *tanha* dente.

(***) Pégada de saracura; passaro d'este nome.

(****) Assento de chefe.

(*****) Peneiras.

(******) Cylindro de palha, empregado para espremer a massa da mandioca. Muito conhecido.

era feita ou com um pincel de pello animal, ou com o feitio de cipó.

Pisam bem a extremidade de um cipó, e depois descascam-o, de maneira que fórma assim um excellente pincel.

Todos estes processos que encontrei representados na louça antiga, tive occasião de vel-os empregados pelos tapuyos, que os aprenderam de seus antepassados.

Lisa, ornada, ou pintada, soffre depois o processo da queima, que é o seguinte: depois de secca a louça, á sombra, é exposta ao sol e quando bem secca, levam-a ao calor brando do fogo acabando por mettel-a dentro de uma fogueira. Coberta de lenha, exposta a um calor intenso, quando está vermelha, tiram-a e deixam-a esfriar. Se a querem vidrar, é então a occasião propria. Tomam um bolo de resina de jutahy (hymœnea courbaril) mais conhecida pelo nome vulgar de *jutahy icica*, e com elle esfregam a parte interna, que absorvendo a resina derretida pelo calor, deixa uma camada semelhante ao verniz, que depois com o uso perde. Na louça de Breves e Cametá, emprega-se tambem a resina do jutahy, porém, dissolvida em alcool, como verniz.

Por este processo fabricam não só panellas, como potes, (camutys), jarras, ygasáuas, alguidares, figuras para guardar miudezas, etc., como os fornos (yapona) para seccar a farinha d'agua. Estes demandam muito cuidado no seccar, porque pelo seu tamanho, ás vezes 2,$^{m}$5 de diametro, com muita facilidade se quebram.

Este é feito sobre um tupé ou sobre folhas de bananeiras, cujas fórmas e nervuras sempre ficam impressas. Quasi sempre depois de secco ao sol, fazem fogo sobre elle, no mesmo lugar em que foi fabricado.

O uso de envernisar a louça com resinas, estende-se tambem aos indios da America do Norte, aos antigos egypsiacos, e outros povos da antiguidade.

Outras peças que exigem muito cuidado no fabrico e na queima são as *igassáuas* (*) que as ha de duas especies, as para agua e deposito de bebidas enebriantes ou não, como o *cachiry* (**), o *tarubá* (***), a *tiquyra* (****), a *maniquera* (*****),a *caisuma* (******), e as que serviam outr'ora de urnas funerarias, cujas fórmas são diversas A palavra igassaua, por isso tem duas etymologias, a que já dei para mortuarias e a que se lê na nota abaixo. Não é no tupy a unica palavra, que tem dous significados, temos exemplos, que para os que se têm familiarisado com a lingua logo os encontra.

A maneira de fabrical-as é a mesma das demais louças, apenas esta, quando não são lisas, são mais ornadas, não só com gravuras, como com figuras.

Estas figuras são feitas em separado e depois ligadas, quando a argilla, ainda fresca, como se deprehende das que se encontram soltas, ainda com signaes de terem sido grudadas. N'estes depositos funebres, era

---

(*) *Y* que se pronuncia *ig*, agua e *sara*, que é o verbo *carregar* significa vasilha de carregar agua.

(**) E' a bebida extrahida por decoção depois de fermentado o beiju-assú, com batata roxa, ralada.

(***) Bebida feita tambem com o beijú-assú, que depois de fermentado dissolvem n'agua e coam.

(****) E' a aguardente extrahida do beijú-assú fermentado.

(*****) E' o tucupy (caldo de mandioca) da macachêra ou aypim, engrossado com cará, batata, farinha, etc. Este processo culinario é chamado *moagica*, d'onde originou-se o verbo *mugicar*, significando engrossar.

(******) *Lã de folha.*

onde a mulher artista mais caprichava, talvez por ser a ultima obra que preparava, para o ente caro que partia para a vida de além-tumulo, muitas vezes, com o coração despedaçado pela saudade, e pelo amor sem mais uma esperança. Penso que não se despediam para sempre do finado com o seu enterramento, que mais tarde preparavam-lhe ceremonias funebres, perante a igasáua.

Dous motivos tenho para assim pensar : um o costume de algumas tribus de indicar o sexo na parte externa da mesma igassáua; outro, o de enterral-as quasi á superficie da terra. Um indicava a urna que então era preciso e outro facilitava a exhumação. Entre as igasáuas grandes, ás vezes encontram-se tambem pequenas, o que prova que para as creanças havia tambem essas urnas.

No lugar do extincto forte de S. José do Rio Negro, levantado em 1668 por Manoel da Motta Falcão, onde hoje é a praça de Tenreiro Aranha (*), no desbarrancamento da margem, encontrei uma pequena igasáua entre outras grandes, já partidas. Foi ahi o cemiterio da primitiva aldeia. Na ladeira do Bairro dos Remedios, em Manáos, se encontram tambem algumas igasáuas, já inutilisadas, como vi.

Tratando da arte ceramica antiga, fui levado a comparal-a com a moderna, dando os processos empregados, pelo que não posso tambem deixar de fallar no fabrico dos cachimbos, industria que julgo moderna, não usada pelos indios primitivos. Tanto não usavam, que nunca foram encontrados entre a louça antiga, se bem que na lingua geral exista a palavra

(*) Primeiro Presidente da Provincia do Amazonas.

*petyuáua*, segnificando cachimbo. Entre os gentios, só é usado o cigarro de tauary (couratary).

Hoje fabricam-o do seguinte modo: Amassada bem a argilla, sem caraipé, até tomar uma consistencia forte, dá-se a uma certa porção, com os dedos, uma forma espherica e aperfeiçoa-se depois a tomar a de um cachimbo. Depois alisa-se com uma pequena taquara de forma lanceolada, que repetidas vezes passam no rosto para engordural-a e dar um certo brilho na argilla.

Com um dos lados da taquara, fazem então os cordões circulares que costumam ter e com a ponta os desenhos com que os adornam. Feitos os ornatos, deixam seccar um pouco e depois abrem, não só o furo para o *taquari*, como o receptaculo para o fumo. Feito isto, passam ao processo da queima, que consiste em seccal-o á sombra e depois enchel-o de cinza mettendo-o em cinza quente e depois ao fogo. Quando está vermelho, tira-se do fogo. Geralmente os cachimbos são pretos e como que envernisados, o que se obtem expondo elles depois de frios, á fumaça do pau d'arco, (tecoma) e quando bem pretos pela fuligem que apanha quando ainda quentes, sendo esfregados com um panno.

Entre a louça antiga, nunca encontrámos nenhuma envernisada de preto que parece mostrar que, então, não era usado esse processo.

Expendi o que vi e o que observei nas minhas explorações no Amazonas, resta-me depois de algumas considerações, apresentar a louça que encontrei.

O gráo que tinha attingido no valle do Amazonas a industria do oleiro, toda exercida pelas mulheres ; a semelhança que se encontra, quer nas fórmas, quer nas gregas ornamentaes, da louça com a dos Estados-

Unidos e com as do Norte da Europa, parece ser ainda uma prova, de que um povo em contacto com outro Europeu emigrou para o Amazonas. A peça do berbequim de que tratei no primeiro capitulo e que adiante representarei, veio me robustecer n'esta crença; não só pela analogia entre ella e as encontradas nos *mounds* dos Estados-Unidos, como pelo uso de um instrumento, que não parece ser tão natural, para deixar de ter sido feito por imitação.

O uso que faziam das panellas, prova que n'aquella época usavam mais das comidas cozidas, do que nos tempos que correm, pois os gentios, alem do *muquem*, só fabricam vasilhas para o tucupy e para as bebidas que animam os seus *porassés*. Geralmente suas comidas são frias.

Este uso de hoje é mais uma prova de que o povo volta ao estado primitivo.

Não fecharei este capitulo, sem mais algumas palavras sobre as gregas ornamentaes, que se vê em toda a louça, do povo primitivo do valle do Amazonas, que dividido em tribus, oriundas comtudo do mesmo tronco, a necessidade da divisão fez tambem adoptar, tendo a mesma lingua, dialecto, uso e costumes differentes. Si estudar-se, com cuidado, a evolução da arte ceramica, no povo que se extinguio, deixando uma pallida imagem da sua industria nos descendentes, que ainda vivem foragidos pelas florestas, ou debaixo do jugo da civilisação, ver-se-ha que tendia á um estado progressivo e com elementos para illustrar uma época. Si não havia muita correcção nos desenhos, com que illustravam seus artefactos, havia comtudo o genio que manejava o buril, que representava gregas, que ainda hoje os modernos copiam dos utensilios gregos e etruscos para ornar as suas manufacturas de Sèvres.

Aquella semelhança que se nota entre as gregas dos vasos da antiga Europa, com as do Amazonas, não se nos diga, que é propria da infancia de um povo ; que é a maneira de se exprimir a arte, que é a unidade que prendia os élos da cadeia da origem dos povos. Unidade de idéas representadas, não póde existir entre dous povos de origem, costumes, clima, tudo differentes.

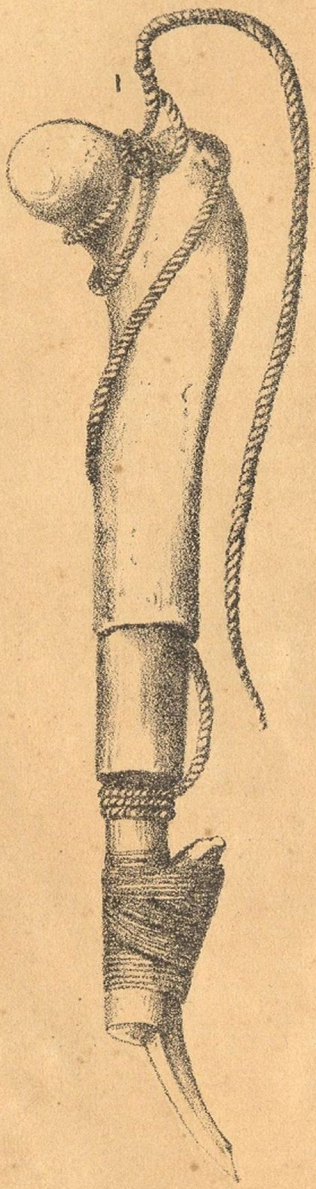
A natureza, a vida que passam, tudo os faz affastarem-se d'esses principios da doutrina evolutiva, que, querem que exista entre todos os povos em estado selvagem. As gregas ornamentaes, que tão grande papel representam na industria do povo primitivo do Amazonas, não parecem partilhar d'essa unidade, antes querem nos mostrar, que um mestre houve que apresentou o modelo, embora fosse um povo altamente intelligente e creador. Que nas primeiras armas de defesa, houvesse unidade, acredito, o páo, a pedra é o que mais facilmente deparavam, mas, com o correr dos tempos tendo inimigos diversos á bater, diversos seriam os instrumentos mortiferos, diversas seriam as formas adoptadas.

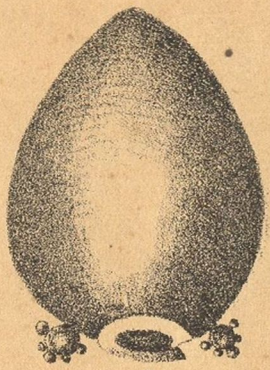
Que haja unidade na fórma da louça, vá, mas nos desenhos ornamentaes, não creio. Ainda hoje entre duas tribus, oriundas do mesmo tronco, vê-se que separando-se, não modificam os desenhos, sem achar um modelo.

Os desenhos das gregas, nos provam ainda o contacto com um povo estranho, adiantado em civilisação. Qual foi elle, não o sei, mas, penso que havendo entre outros usos, pontos de contacto com os Normandos, é de crer que foi esse o povo introductor da civilisação Amazonica.

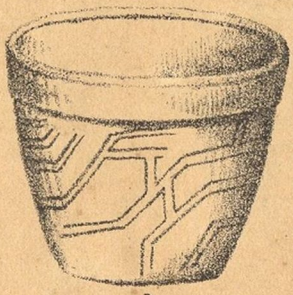
# ESTAMPAS

## E SUAS EXPLICAÇÕES

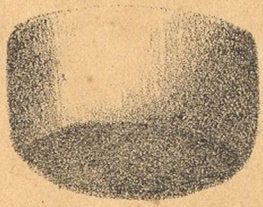




2



3



4

Fig. 1.ª Representa uma faca, *quicé*, como lhe chamam os indios, ou o instrumento com que se serviam para gravar os ornatos na sua louça. E' composto de duas partes: do cabo e da parte cortante; o primeiro feito de uma tibia de macaco e a segunda de um dente de cutia encravado e ligado por fios de algodão torcido, ás vezes coberto de serol. Usavam e algumas tribus ainda usam tambem para abrir ornatos nos seus *cuidarús*.

Figura 2.ª e 4.ª Representam duas *igasáuas* que desenterrei no largo do Imperador, antigo do Pelourinho defronte da porta do quartel; onde foi o antigo cemiterio dos Tarumás, tribu que habitava o Rio Negro, quando o capitão Costa Favella e o missionario Frei Theodosio n'elle penetraram em 1668. A primeira é oval, com uma abertura de 0,23, de bordos retorcidos, ornada essa abertura por dous enfeites globulosos. Tinha 0,60 de altura, 0,01 de espessura, e 0,7 no maior diametro. Era de argilla vermelha, lisa e sem desenho algum. Enchiam-a de terra preta no meio da qual enterravam os ossos, como verifiquei, differençando-se bem a terra que a enchia da que a rodeava. Era enterrada com a bocca para baixo.

A n.º 4 era cylindrica, com o fundo achatado, feita de argilla cinzenta, com mais de 1 metro de altura, 0,025 de espessura e 0,75 de diametro. Era enterrada com a abertura para cima, tapada com uma tampa, ornada de desenhos feitos pela compressão de tecido de palha. Só pude aproveitar metade. N'ellas enterravam os corpos, o que prova que depois eram exhumados, para mudarem-se os ossos. Não tinham endicação de sexo.

Fig. 3.ª Representa uma outra que desenterrei na subida do bairro dos Remedios, em Manáos. E' de argilla cinzenta, com as dimensões, pouco mais ou menos das da fig. 4.ª, ornada exteriormente com um bordo saliente na bocca e de desenhos, por gravura, de linhas mais ou menos obliquas.

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10

## ESTAMPA II

FIG. 1.ª E' uma pequena panella, desenterrada, acima de Cudayás, no rio Solimões.

Entre muitos fragmentos conseguimos esta perfeita, que nos dá uma idéa muito favoravel dos antigos Omáuas ou Omaguas, depois conhecidos por Cambebas, cujas denominações, significam cabeça chata. Para differençar-se dos anthropophagos, tinham o costume de quando pequenos achatarem a cabeça. Este utensilio cujo ornato é todo gravado, naturalmente a dente de cutia, quando fresca ainda a argilla, como se deprehende dos sulcos que formam as gregas, quer da sua parte superior quer da inferior, denota não só muito engenho no artista como grande paciencia. A symetria que se nota; a arte com que foi proporcionada e aberta, a ponto de não se saber onde principiou ou acabou o desenho, prova grande habilidade e uma longa pratica em trabalhos semelhantes. Parecendo que a arte ceramica estava mais adiantada em Marajó, vê-se comtudo no Alto Amazonas, uma tribu disputando com vantagem e primazia, a palma artistica. Leva o artista Amazonico de vencida o Paraense, não só na fórma do desenho, como no trabalho e cuidado especial que era preciso empregar na sua gravura. Para melhor fazer-se idéa do desenho, representa a fig. 2, parte do desenho do bojo da panella.

Se n'um objecto tão vulgar empregavam tanto trabalho, quanto não empregariam nos depositos dos ossos ou dos corpos d'aquelles que lhes eram caros ?

E' feita de argilla fina e cinzenta, amassada com canichy. Mede 0,2 de diametro, 0,15 de altura, e 0,001 de espessura.

FIG. 2.ª Representa uma parte do ornato da panella acima.

FIG. 3.ª Representa uma igasáua que desenterrei na barranca da Praça Tenreiro Aranha, antigo cemiterio que havia junto do extincto forte de S. José do Rio Negro.

E' de uma forma elegante, de argilla vermelha, lisa, com tampa e pé. Mede de altura 0,6, e de diametro 0,4 e de espessura 0,01.

FIG. 4.ª Representa um fragmento, um terço menor que o natural, da borda interna de um utensilio domestico. O desenho é feito por gravura, com muita regularidade e elegancia. A argilla é escura e misturada com canichy. Achado no Rio Urubu.

FIG. 5.ª Representa um fragmento, um quarto do natural, do bojo de uma panella. E ornado por gravura, feita com dente de cutia. E' de argilla vermelha. Encontrada na raiz da serra Maçumimy, no rio Anibá.

Fig. 6.ª Outro fragmento de uma vazilha maior, feito da mesma argilla com a mesma gravura, apenas mostrando que para ella tinham um instrumento que terminava em tres dentes de cutia. Encontrado na mesma localidade.

Fig. 7.ª Parte do bojo de uma panella, ornado por gravura de linhas e pontilhado, com dentes de cutia. E' de argilla vermelha, amassada com çanichy. E' da mesma localidade.

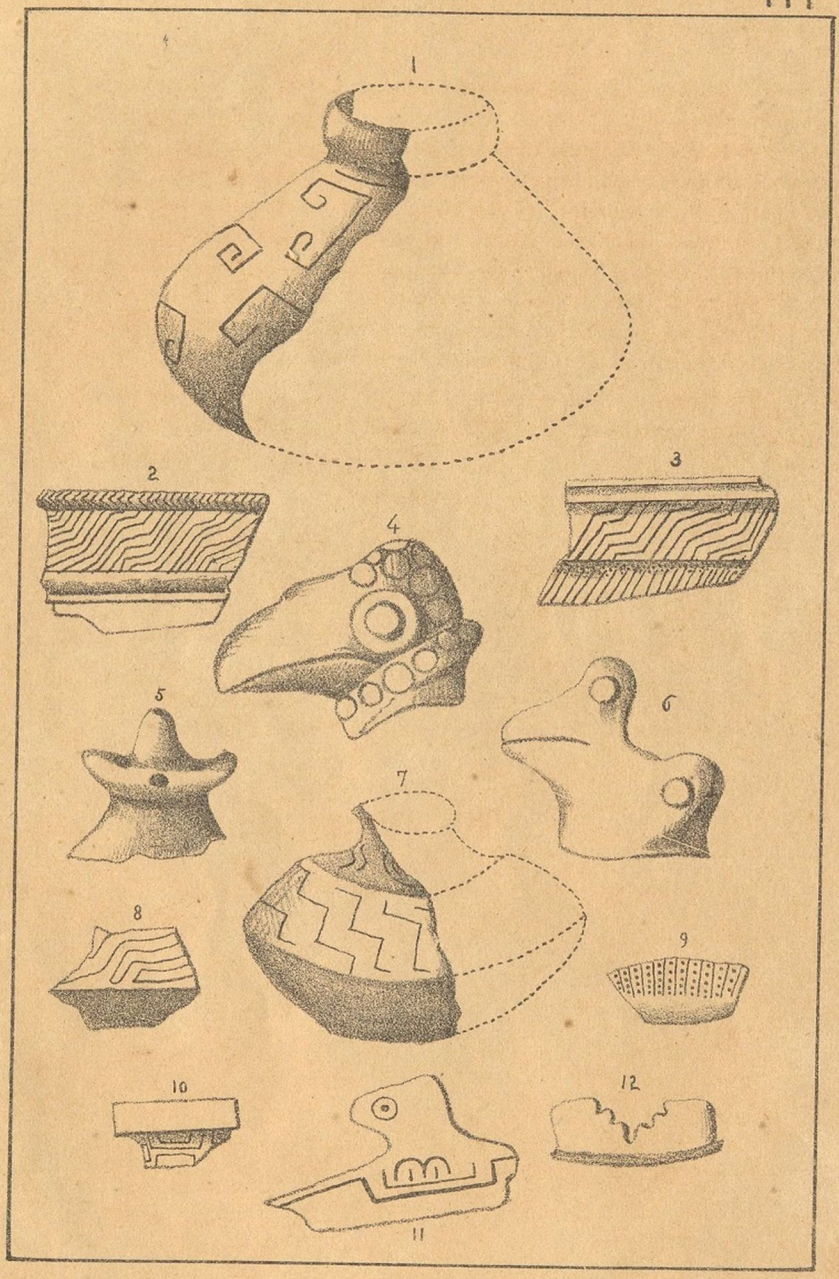
Fig. 8.ª E' uma porção, um quinto menor, da borda interna de um vaso grande, ornado por gravura, feito, com a parte circular de um córte transversal de uma taquara. E' de argilla cinzenta. Encontrei no Rio Urubu.

Fig. 9.ª Representa um fragmento do beiço de alguma panella. Tem desenhos gravados e é feita de argilla vermelha.

Fig. 10.ª Bordo de uma igasáua, para agua, de argilla cinzenta amassada com areia, fina. Encontrei no Rio Urubu.

N'esta estampa estão comprehendidos os fragmentos de louça que encontrei, não só no rio Urubu, como no seu affluente o Rio Anibá. Por elles vê-se, que não era infundada a crença que havia do adiantamento do povo do Reino do Urubu destruido pelas armas portuguezas, só para vingar a morte de um seu sargento-mór.

As missões que o virtuoso Frei Theodosio ahi fundou como as de S. Raymundo e S. Pedro Nolasco, procurando reunir os restos das tribus dos Guanavenas, Caboquenas e Burururus, não deram resultado; porque, apezar do forte que fizeram na segunda para os defender, não impedio que os naturaes vingassem por sua vez, a perda de quasi 2,000 companheiros sacrificados, e abandonassem o rio que de então para cá ficou deserto, temido e respeitado pelos civilisados. Depois dessa época desoladora, fui eu o primeiro que n'elle penetrou, trazendo estas poucas reliquias que ficaram da grandeza d'aquelle rio.


1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12

## ESTAMPA III

Esta estampa representa diversos fragmentos de louça domestica, que encontrei no Rio Uatumá. Por ella se vê, que tambem usavam os bordos de suas vasilhas, ornados de figuras. Ahi a louça é toda ornamentada por desenhos gravados, quer com dentes de cutia, quer com pontaletes de madeira. Toda a argilla empregada é a vermelha, porém, tão bem preparada, que, quer na consistencia, quer no amassamento excede á das nossas fabricas. Tão delicada é, que a sua espessura nunca mede mais de 5 milimetros. As figs. 1.ª e 8.ª da Est. III e fig. 5.ª da Est. IV., representam bordas de panellas e outros vasos, assim como algumas figuras que os ornavam.

As fig. 7.ª da Est. III e 3.ª da Est. IV dão a fórma de dous camutys, que desenterrei proximos á povoação de Sant'Anna.

Fig. 4.ª Cabeça de urubu, que servia de ornato, na borda de alguma vasilha. E' de argilla cinzenta.

Fig. 11.ª Bordo de um vaso, de argilla vermelha, cujos desenhos são gravados.

1
2
3
4
5
6

FIG. 1.ª E' um *camuty*, onde se guardavam as bebidas para os festins, que geralmente eram cobertas por uma rêde de fios, para se poder ter suspensa ao tecto das casas.

E' de argilla escura e sem desenho algum. Encontrado junto á vasilha que representa a figura.

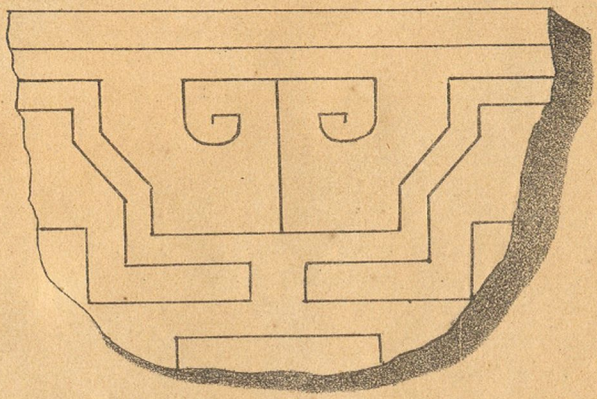
FIG. 2.ª Representa uma grande vasilha de fórma conica, com uma facha saliente de 0,14 de largura, na parte superior. Tem o diametro da bocca 0,65, o do fundo 0,30 e de altura 0,35. E' lisa, de argilla escura, com 0,01 de espessura.

Parece-me que pertenceu á extincta tribu dos Uabôys, que outr'ora habitaram o Rio Yamundá. Desenterrei na restinga das cabeceiras do Rio Uauinchá, affluente do Yamundá, provincia do Pará.

FIG. 4.ª Representa outro camuty geralmente empregado para se guardar farinha. Foi encontrado na mesma localidade.

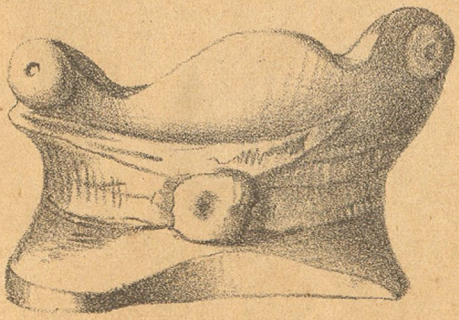
E' tambem de argilla escura, sem ornatos. Estes tres objectos foram remettidos por mim para o Museu Nacional por intermedio do ministerio da Agricultura, e figuraram na ultima Exposição. Não quero crêr que de *proposito* occultassem o nome do descobridor d'elles, mas se bem que d'isso não provenha gloria para mim, como figuraram como objecto de estudo, cumpre-me dizer que a nota que tinham de *achado no Alto Amazonas*, não é exacta. São das cabeceiras do rio Uauinchá, affluente do Yamundá, que desagua no *Baixo Amazonas*.

1

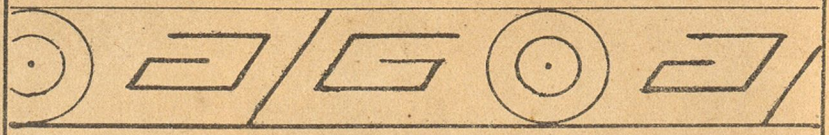


2

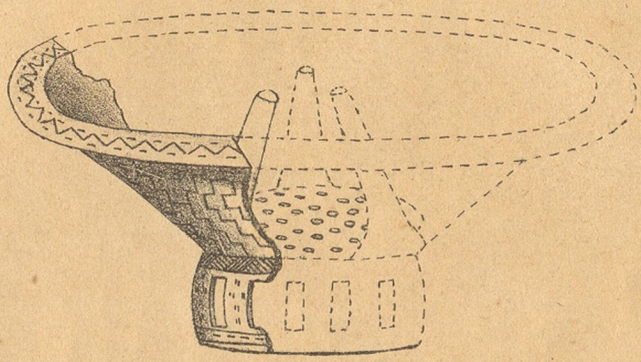
3



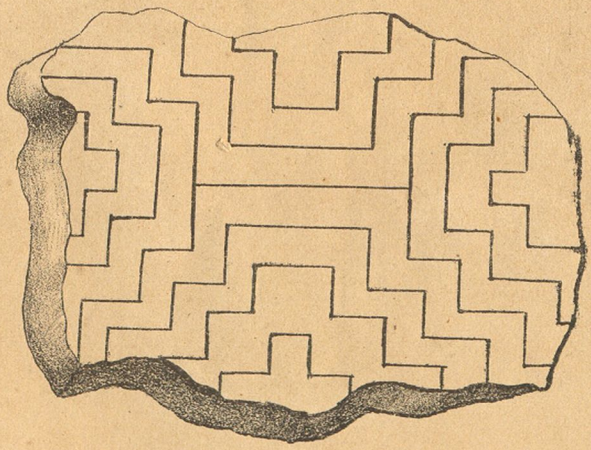
1

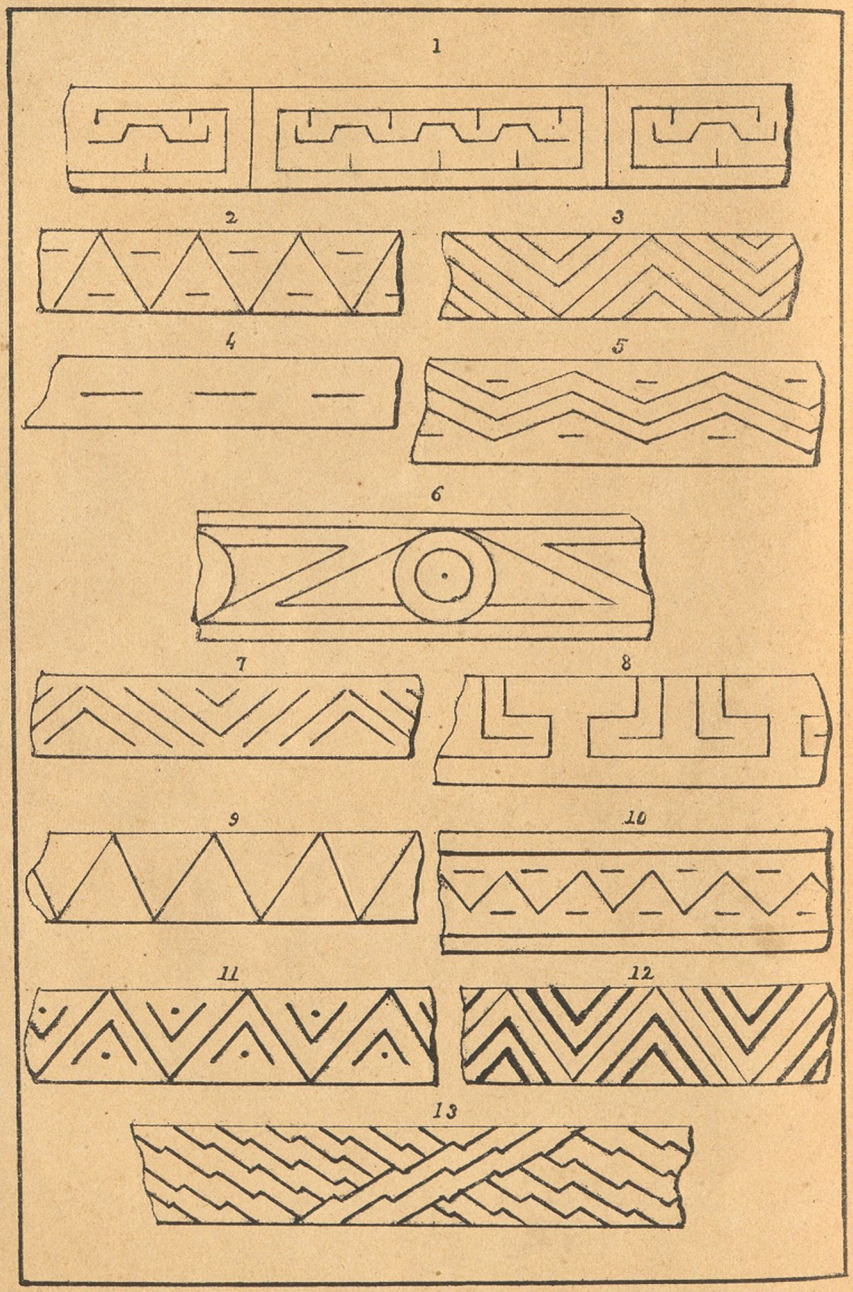


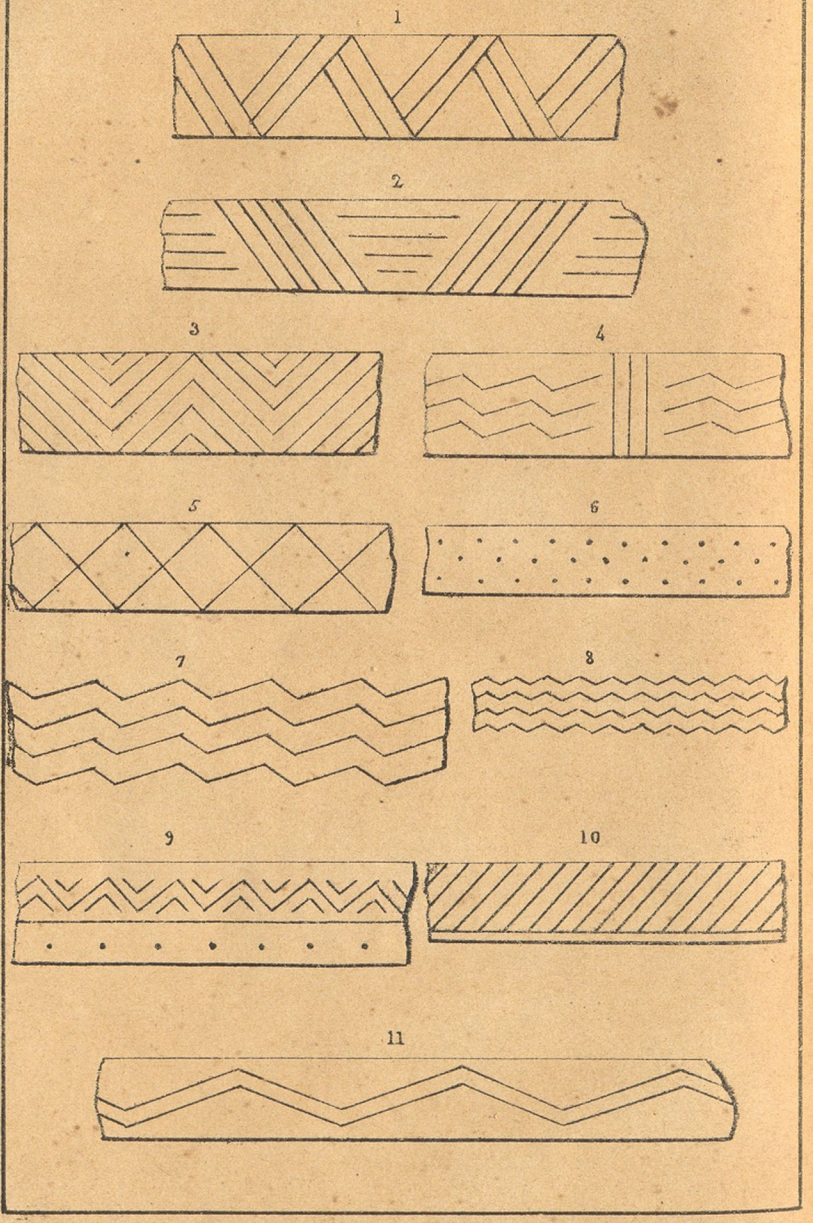
2

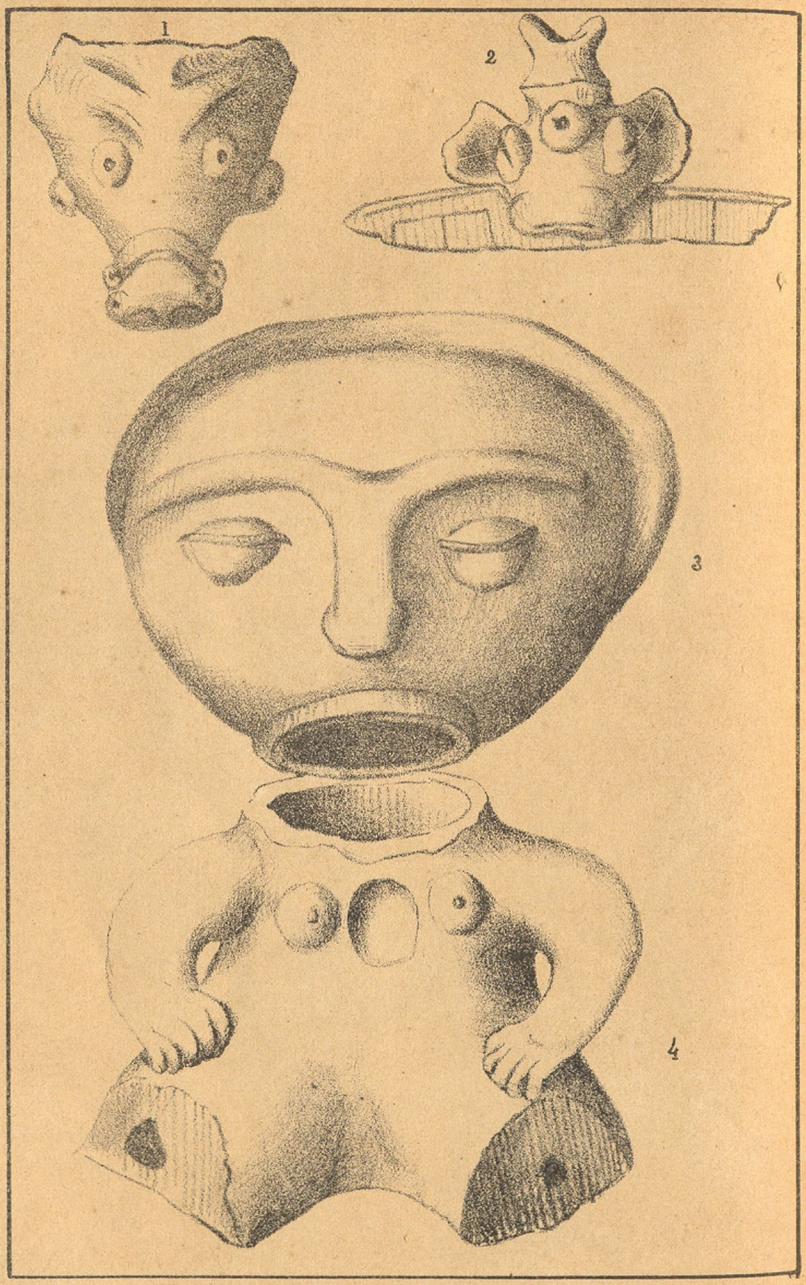


3

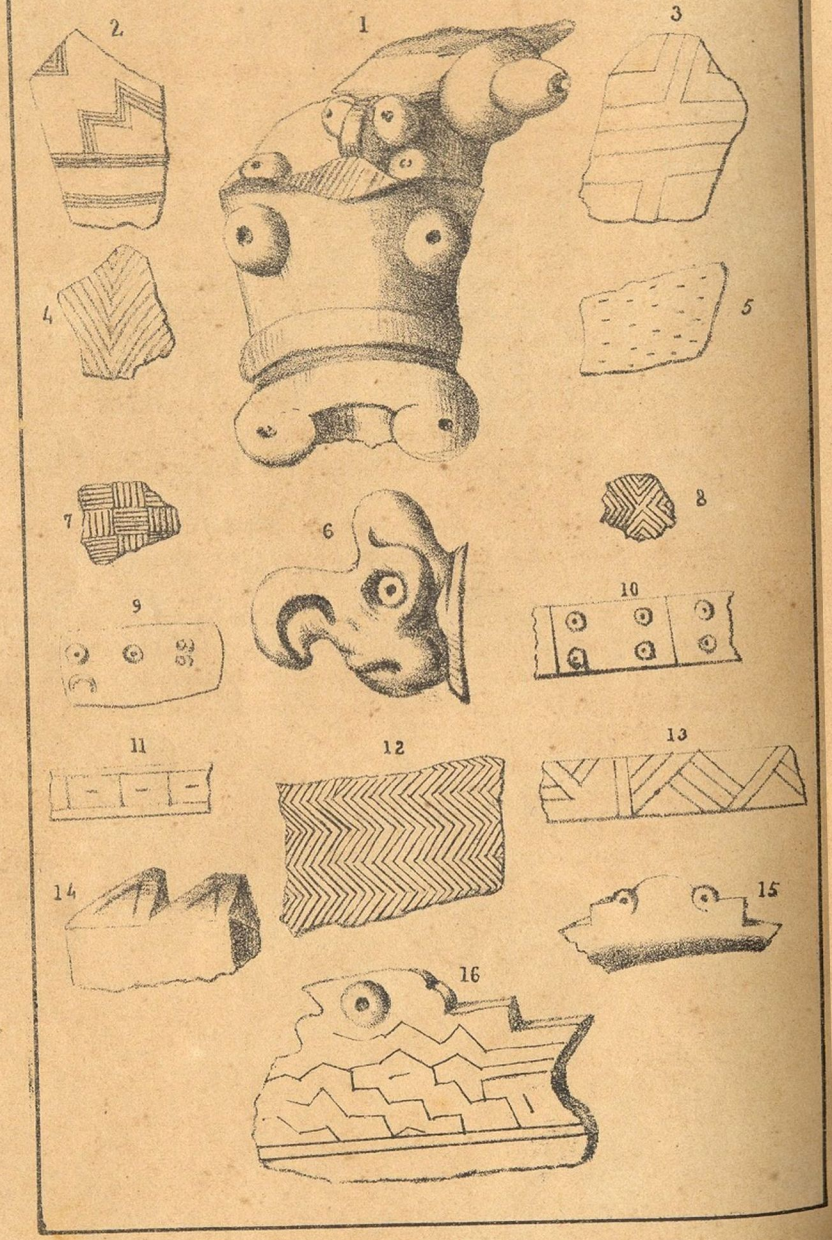



1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13


1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11


1
2
3
4

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13


1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16

## ESTAMPA V, VI, VII, VIII, IX, X, XI

Representam estas estampas não só os desenhos gravados e por compressão, da parte externa de differentes fragmentos de vasos, que encontrei na tauquéra das Amazonas, e no aterro sepulchral do lago Paru, como differentes figuras que ornavam não só os utensilios domesticos, como, as suas igasáuas.

Por estas, se vê, que a arte de esculpir, estava muito mais adeantada do que em Marajó e que suas allegorias, têm um estylo que revella já grande progresso na arte.

Seguindo o uso d'outras tribus de ornar os bordos de seus utensilios com figuras, faziam-as comtudo com mais gosto, desenho e correcção. O preparo da argilla, pura ou com auichy, era tão bem feito, que alguns fragmentos que lancei n'agua fluctuaram.

Pela licção da historia, descobri, que a localidade onde se encontra esta louça, foi a em que habitou a tribu immortalisada por Francisco Orellana, com o improprio nome de Amazonas, pelo que dei-lhe o nome de *tauaquéra das Amazonas*.

Para maiores esclarecimentos sobre a louça e localidade lêa-se o o meu relatorio a este respeito. (*)

A perfeição que se nota em algumas figuras e desenhos, não parece filha da evolucção da arte, parece antes querer attestar o contacto com um povo mais civilisado.

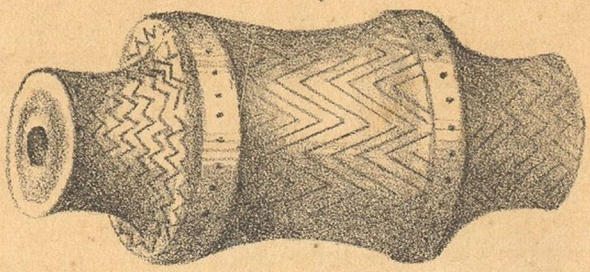
Estes fragmentos que intrinsicamente nada valem, são documentos preciosos, que aqui ficam gravados, para os sabios especialistas darem a sua ultima palavra. Forneço este pequeno contingente; maiores apparecerão, que darão mais luz, para esclarecer este ponto ainda tão obscuro.

As gregas ornamentaes que se vê representadas nas Est. VIII, IX e X dão uma prova, que desmente aquelles que tanto têm calumniado os indigenas de outras eras, baseados em escriptores, suspeitos, que procuraram justificar a crueldade com que eram então tratados esses filhos das selvas, menos selvagens do que os seus civilisadores. Não eram *animaes* como se tem dito.

---

(*) *Expl. e Est. do Valle do Amaz. Rio Yamundá.* Rio de Janeiro 1875. Pag. 89 e seguintes.

1



2

# ESTAMPA XII

Fig. 1.ª Representa a peça do berbequim, de que já tratei no 1.º numero destes *Ensaios*, á pags. 116—117, reduzido á metade do natural. (Vide n. 1.º Est. 1.ª, fig. 9.ª) E' de argilla pura queimada, ornada por gravura feita com pontas de espinhos, formando o *tamuatá-pirera* ou escama de tamoatá.

Um furo a trespassa de lado a lado, por onde passava a pua que furava o machado. O bojo offerece uma concavidade propria para nella passar-se a corda do arco do berbequim, para fazer girar a pua.

Entre outros fragmentos de louça, encontrei esta peça, enterrada no alto da serra do Piquiátuba, proximo á cidade de Santarem, na provincia do Pará.

Fig. 2.ª Representa uma das igasáuas do aterro sepulchral da ilha dos Camutys, no Rio Anajás, na ilha de Marajós. No estylo, afasta-se inteiramente das que se encontram nos cemiterios antigos.

E' de argilla cinzenta, muito bem trabalhada, delicadamente pintada de vermelho e preto, sobre um fundo branco ornada com relevos que indicam não só os olhos, bocca e nariz, como os braços, pés, seios, umbigo e sexo. Pertencia ao sexo feminino. Sua forma e a delicadeza da pintura, prova o alto gráo de adiantamento que tinha a industria entre os Nhungaybas.

Servia para guardar ossos, mede de altura 0,80, de diam. 0,45 e de espessura 0,01. Está no muzeu paraense.

1
2
3
4

FIG. 1.ª E' uma outra encontrada na mesma localidade, do mesmo estylo, porém, com fórmas differentes, indicando tambem, os orgãos dos sentidos, os pés, o umbigo e o sexo. Pertencia ao sexo masculino, e pelo seu tamanho creio que guardava os ossos de algum curumy. (*)

E' toda ornada de caprichosos desenhos em espiraes, pintados de vermelho sobre um fundo branco. A tinta vermelha empregada julgo ser *caragirú*, (bignonia chica) e a branca, a tabatinga (**) desmanchada com leite de sorva.

Está no muzeu paraense e mede a metade do tamanho da precedente.

FIG. 2.ª Representa uma parte de uma igasáua, desenterrada do aterro sepulchral da ilha das Pacovas, no lago Arary, na ilha de Marajós.

Aproximando-se na fórma, ás precedentes, affasta-se comtudo nos desenhos, que são caprichosos e muito correctos, feitos com tinta encarnada. O preparo da argilla é bom, e contém alguns grãos de areia fina. Pertencia ao sexo feminino, mas não indica os pés, e provavelmente havia de indicar os orgãos dos sentidos.

FIG. 3.ª Tem a mesma fórma, porém, o desenho do contorno é um pouco differente, assim como inteiramente differentes são os ornatos, feitos por meio da pintura. Compõe-se estes de lonsangos e rectangulos, mais ou menos unidos, feitos com tinta encarnada, separados por linhas quebradas finas e parallelas, da mesma côr. Julgo que tinha a fórma pouco mais ou menos da da fig. 2.ª, Est. XII. E' feita de argilla escura, com o grão fino, misturada com areia fina. A porção que pude examinar mede no maior diametro 0,80 que perece indicar que servia, para receber um corpo assentado e não simplesmente os ossos.

Raras são as igasáuas que se podem desenterrar perfeitas, quasi todas estão reduzidas a pequenos fragmentos, que se encontram misturados com diversas pequenas figuras, que serviam de ornamento não só das tampas, como das orelhas, (*namby*). Poderosa, guerreira e valente, primava a tribu dos Nhungaybas, principalmente na arte ceramica. Além das igasáuas com as fórmas aqui representadas, existem no Baixo Amazonas, nas cabeceiras do rio Maracá, em uma

---

(*) Menino.

(**) *Tauá*, argilla, *tinga*, branca.

especie de gruta, acima de um grande lageado, algumas enterradas, donde o distincto 1.º tenente Lisboa, tirou algumas que figuram no muzeu paraense e que com cuidado examinei. Não tendo podido desenhal-as, deixo de aqui represental-as, porém, o farei mais tarde. Estas não têm o feitio de potes, mas representam figuras humanas em posições sedentarias, servindo a cabeça de tampa, ou de animaes. Só guardavam as ossadas, que nellas ainda se conservam, mas em estado que a decomposição dos ossos mostram uma alta antiguidade. São de argilla queimada e com ornatos e indicação de sexo.

Fig. 4.ª Curiosos objectos, não raros, mas usados só na ilha de Marajó são as impropriamente chamadas *dragonas*, que se encontram nos atterros sepulchraes do rio Arary.

Como o *cueyú* dos actuaes gentios, servia este objecto para recatar a parte vergonhosa das mulheres. Era preso por tres cordões dous passavam pelas verilhas e prendiam-se nas costas e o terceiro por entre pernas a unir-se aos primeiros. Affecta a fórma triangular, é convexo, feito de argilla muito fina e bem amassada, pintado todo de branco tendo na parte exterior desenhos feitos ou com tinta preta ou encarnada.

Os desenhos são compostos de linhas rectas, ou quebradas, formando angulos, alguns concentricos, que não tinham um só modelo e variavam conforme o gosto do artista.

Eram usados em todas as idades porque vi-os de differentes tamanhos.

Por esquecimento não se assignou o artigo *Estudo Botanico*, que é do Conselheiro G. S. de Capanema, e *Antiguidades do Amazonas*, que é do Dr. João Barboza Rodrigues.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

# Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

## Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com